

WLADIMIR OLIVIER

# LAMENTOS POÉTICOS

## SEM SAUDADE

(POEMAS)

ESPÍRITOS DIVERSOS

Saiba, Irmão, que estes versos  
provieram da Espiritualidade!

# ÍNDICE

1. Em versos quase brancos .....	5
2. Graças à mediunidade .....	6
3. Confiança manca .....	6
4. A dimensão da fé .....	7
5. A voz do mestre .....	8
6. Proseando com o escrevente .....	9
7. Parâmetros .....	10
8. Mais um pouco .....	11
9. Tomando gosto .....	12
10. O conquistador .....	13
11. Regenerada mente .....	15
12. Pelos outros .....	15
13. Em nome do Senhor .....	16
14. <i>Desestrelado</i> chão .....	16
15. Subjugada mente .....	17
16. A eterna rogação .....	17
17. Sem frescura .....	18
18. Monocórdio .....	20
19. Derivação .....	20
20. Trocadilhando .....	21
21. Sem sutileza .....	21
22. O momento .....	22
23. Luz no fim do túnel .....	22
24. Conscientização .....	23
25. O queixume .....	23
26. Pelos próximos .....	24
27. Gente melhor também sofre .....	24
28. Ao leitor virtual .....	25
29. Ao editor virtual .....	25
30. O autor real .....	26
31. Despojada mente .....	26
32. Um pouco melhor .....	27
33. Em terra de olho... ..	27
34. O recado, apesar de tudo .....	28
35. Sem originalidade .....	28
36. O beija-flor cantor .....	29
37. Despachada mente .....	30
38. Conversando com o médium .....	32
39. <i>Pena, penita, pena...</i> .....	34

40. Em hora de azáfama .....	36
41. Poema p'ra um só .....	38
42. A prova dos versos .....	40
43. Poeta por opção .....	41
44. Encontradiço sentimento .....	42
45. Em linhas gerais .....	44
46. O poeta cego .....	45
47. Enfim, a revelação .....	45
48. Sem desmazelo .....	46
49. Leia os <b>Evangelhos</b> .....	48
50. Soneto de empáfia .....	49
51. O meu ardor .....	50
52. Primeiro da trilogia .....	51
53. Segundo da trilogia .....	51
54. Terceiro da trilogia .....	52
55. Renitência .....	52
56. O uso das virtudes .....	53
57. O valor do convite .....	53
58. Por falta de coisa melhor .....	54
59. Vontade e realização .....	54
60. O ensino universal .....	55
61. Quando a porca torce o rabo .....	56
62. Poesia é trabalho .....	58
63. Amor-próprio .....	58
64. Pronto para decolar .....	59
65. Alegria verdadeira .....	60
66. Perseverante mente .....	62
67. Pondo o médium em xeque .....	63
68. Trocadilho salva dor .....	64
69. A forma não é tudo .....	65
70. Promessa e realidade .....	66
71. Retrato íntimo .....	66
72. Prepotência .....	67
73. Com o coração na mão .....	67
74. Sem dó nem piedade .....	68
75. Não há involução .....	68
76. Integridade .....	69
77. Sem troça nem moessa .....	69
78. Mato a cobra... ..	70
79. ...e mostro o pau .....	70
80. Abrindo os olhos .....	71
81. Mixaria .....	71
82. Sem parnasianismos .....	72
83. Prevalência da dor .....	72

84. A proposta...	73
85. ...e a resposta	73
86. Calma mente	74
87. Dissensão íntima	74
88. Negativa mente	75
89. Vazia preocupação	75
90. A interrogação...	76
91. ...e a explicação	76
92. Um fato importante	77
93. Outro fato importante	77
94. O principal	78
95. Palavras que passarão	78
96. A ironia também passará	79
97. Jesus não passará	79
98. Benditos os que não viram...	80
99. O poeta ressabiado	80
100. Tornando o inimigo amigo	81
101. Em descompasso	81
102. Excesso de imaginação	82
103. Um pouquinho de esperança	82
104. O débito	83
105. Mais uma variação	83
106. O significado da dor	84
107. Apenas contentamento	84
108. Sei-me responsável	85
109. Da fruição ao dever	85
110. Perante o Cristo	86
111. Egoísmo prevalecente	86
112. Peditório	87
113. Sem sustos	87
114. Orientação mediúnico-poética	88
115. Profissão de fé	88
116. Meu processo de conscientização	89
117. Conformado, <i>pero no mucho</i>	89
118. Euforia controlada	90
119. Despedida	90
120. A consciência	91
121. Agradecimento	91

## 1

### Em versos quase brancos

Senhor, perdão vos peço nesta angústia,  
Porque não tenho cura de imediato:  
São tantos os defeitos de minh'alma  
Que a prece não me traz o lenitivo  
Que me traria, se com fé pedisse.

Assim, vou preparando o meu caminho,  
Sem tropeçar nas rimas que não faço,  
Deixando tão somente uns breves rastros  
Por sobre a areia fina mediúnica,  
Onde a impressão do mal põe seu aviso.

O companheiro que me toma o verso  
Vai espantar-se quando o ler de novo,  
Porque não tem noção que satisfaço  
As regras da poesia cá da Terra,  
No que concerne à métrica e ao compasso.

Se, acaso, alguma rima transparece,  
Porquanto ao meu ouvido não carece  
Que o som venha conforme ao prisma humano,  
Perdoa-me, leitor, o atrevimento,  
Porque meu Pai vai perdoar-me a falta.

Se cá sentisse ainda o despautério  
De ver o meu poema bem dotado,  
Melhor procederia no rascunho  
Que tenho apresentado ao caro mestre,  
Sem medo de lesar a caridade.

Então, as coisas ficam bem-paradas,  
Que é como deveriam de ficar,  
Se tudo fosse bom dentro em minh'alma,

Como estaria esta poesia agora,  
Se cá viesse um vate de valor.

Vou terminar, porquanto já cansei,  
Pois este esforço é muito para mim.  
Pedi perdão a Deus, lá no começo,  
E ao bom amigo que me leu a trova  
E me despeço agradecendo ao médium.

Esteja o bom Jesus em vosso lar,  
Abençoando os feitos da bondade,  
Para inspirar a todos as virtudes,  
Que a vida permanece sempre aberta,  
Para crescer no Amor e na Verdade.

## 2

### **Graças à mediunidade**

Eu venho, como vim antigamente,  
Trazendo o meu sorriso, com ternura,  
A dar mais esperança à criatura  
Que vive preocupado no que sente.

Não quero que tal alma faça a jura  
De ser um pouco apenas diferente,  
Por ler este soneto aqui da gente,  
Que o povo, quase sempre, nem atura.

Soldado deste exército imortal,  
Eu venho p'ra trazer a minha fé  
Em que haveremos de expulsar o mal,

Sabendo exatamente como é  
O mundo cá do etéreo mais normal,  
Quando, ao passar pelo canal, dá pé.

### 3

#### Confiança manca

A limpidez do pensamento fica  
Comprometida, quando a rima é pobre,  
No entanto rezo p'ra que um pouco sobre  
Desta vontade que, em minh'alma, é rica.

Esta aura que projeto tende ao cobre,  
Sem reflexos de luz, pois testifica  
O quanto este poeta tem nanica  
A força, p'ra que o tema se desdobre.

Então, ponho nos versos o meu vezo  
De espaiar-me à custa do improviso,  
O que vai incidir em muito peso,

P'ra carregar nas costas quem tem siso,  
Mantendo o coração no amor aceso,  
Que a chama da esperança penalizo.

### 4

#### A dimensão da fé

Faz bem o caro médium em parar,  
Que os versos vêm perversos nesta tarde:  
Aquela chama acima já não arde,  
No coração de quem nos dá seu lar.

Talvez o amigo pense ser covarde,  
Porquanto já não quer nos ofertar  
A rima que não tem um belo par,  
Querendo que esta gente mais aguarde.

A data assinalou mas nos deu trela

E assim vamos cumprindo a nossa quota,  
Deixando impressos versos cá na tela,

Terríveis, que esta turma já não bota  
Mais fé de que a poesia descabela,  
Menor até que o pingo deste jota.

## 5

### A voz do mestre

Acreditando em que mantenho a fé  
De que a poesia possa dar-me lucro,  
Embora veja o sentimento xucro,  
Volto, de novo, a repetir: — *Dá pé!*

Mas não encontro a rima e me confundo,  
Quando saber devia, previamente,  
Que o texto todo tem de estar assente  
Nas regras dos que vivem nesse mundo.

Aí, me ponho atento e estabeleço  
Que o tema que melhor sei solfejar  
Não pode ser comprado num bazar  
Nem deve ser mostrado pelo avesso.

O atrevimento que o poeta imprime  
Em cada verso que lhe dita a alma,  
Toda ansiedade, por feliz, lhe acalma  
Mesmo que a trova não se dê sublime.

A longa estrofe já me faz sentir  
Que está mui longe o termo da jornada,  
Mas algo existe que não mais enfada,  
Fazendo alegre a estrada do porvir.

— *Não tenhas pressa!* — me dizia o mestre,

Ao censurar-me a trova sem critério.  
— *Aos poucos, cresce o vulto do mistério,*  
*Porquanto tu não és mais ser terrestre.*

— *A diferença está em que os de cima*  
*Já podem compreender melhor os fatos,*  
*Enquanto que os mortais só veem boatos,*  
*Na fala generosa desta rima.*

## 6

### Proseando com o escrevente

Não quero atrapalhar o meu amigo,  
Na pretensão modesta de ir ao centro;  
Mas tenho de dizer-lhe que comigo  
Irá ficar do etéreo mais por dentro.

Eu sei que o nosso irmão bem desconfia  
De quem vem lhe ditar a pobre rima,  
Que é prosa tão somente esta poesia,  
Metrificada, embora, neste clima.

Porém, não vou deixá-lo mais na mão,  
Buscando estranhos termos nos exóticos  
Lab'rintos do seu cérebro, eu, não,  
P'ra que meus versos não se deem caóticos.

Não vou *forçar a barra* nem um pouco,  
Impondo ligeireza ao meu ditado.  
Alguém irá dizer: — *Coisa de louco!* —,  
Enquanto eu mais me alegro deste lado.

Por isso, vou deixando este bom posto,  
P'ra que meu médium tome a decisão,  
Já que trabalha aqui com muito gosto  
E lá no centro irá dar sua mão.

Despeço-me a sorrir de satisfeito  
Co' o resultado nobre do poema.  
Qualquer seja a verdade, eu bem respeito  
Os cânones sagrados deste esquema.

*Adeus, meu caro, vou dar de pinote,  
Cantarolando a rima do refrão,  
Que, por ser rica, peço que me anote:  
A caridade é amor no coração.*

## 7 Parâmetros

Mantenho a minha mente bem ativa,  
Quando componho a rima que apresento:  
Alguém que do trabalho aqui se priva  
Vai ter triste motivo de lamento.

Assim deve o mortal raciocinar,  
Quando pensar nas trovas que lhe trago.  
Não quero me ver posto em lindo altar;  
Também não quero que me vejam vago.

Dizer que estou sofrendo é redundante,  
Porquanto o verso prima por ser frágil.  
Mas vejo que este tema me garante  
Um desenvolvimento bom e ágil.

Espero simplesmente pôr um cobro  
Nas ânsias do perfeito que se quer:  
O que venho trazer demonstra o dobro  
Do que posso colher onde estiver.

Mas penso que haja alguém que se contente  
Com menos de um pouquinho do que faço,

Sabendo que não vai deixar patente  
O pensamento cheio de embaraço.

Por mim, não fustigava o caro amigo,  
Deixando que a doutrina tenha curso,  
Por força de lutar contra o perigo,  
Mas não posso exercer papel de urso.

Assim, que me releve o mau sistema  
Quem compreender que a vida lhe vai bem,  
Mesmo que a consciência não esprema,  
Na conjuntura dúbia do vaivém...

Eu sei que tenho a quota já cumprida,  
Por isso, vou deixando p'ra amanhã  
O desabafo rude duma vida  
Que terminou em dor: febre terçã.

## 8

### Mais um pouco

De volta a este bom posto mediúnico,  
Pretendo evoluir em meu relato,  
Que sei não ser primeiro, mas que é único  
Na tentativa tosca em que me bato.

Na Terra, estive sempre por um fio  
Entre fazer o bem sem ver a quem  
E registrar no fisco o meu desvio  
Das verbas, que dispunha sempre além.

Embora me servisse dessa mesa,  
A vida bem levava de nababo.  
Sabia que existia safadeza,  
Mas logo disfarçava: — *Eu não me gabo!*

Aos oitenta, cheguei desprevenido,  
Pensando ter cumprido toda a lei.  
Não via no sofrer nenhum sentido,  
Desconhecendo as normas que hoje sei.

Gritei que Jesus Cristo fora injusto,  
Porquanto acreditava ser bem puro:  
Somava cada ação prevendo o custo  
E estava sempre pronto para o juro.

— *Meu filho* — me dizia o protetor —  
*Não vá com tanta sede para o pote.*  
*Procure a alma antes recompor,*  
*Porque não há no etéreo vil calote.*

Passei um tempo enorme em correrias,  
Incentivando a turba p'ra um motim.  
Bem sei que tu, meu jovem, desconfias  
De que estou profanando o teu festim.

Mas a verdade eu tenho de dizer,  
Embora o coração se me confranja:  
Enquanto era encarnado o meu poder  
Dizia-me que a mente tudo arranja.

Nem mesmo agora, quando estou melhor,  
Consigo alinhar meus pensamentos:  
Repito o que guardei tão só de cor,  
Para me impressionar por uns momentos.

Então me vejo aqui fazendo a trova,  
Sentindo que talvez me seja bom  
Pensar que o verso traga o que comprova  
Que devo me manter no mesmo tom.

## 9

### Tomando gosto

Eu não quero privar-me da poesia,  
Por isso é que lhe peço que me espere:  
Jamais alguém paciente encontraria  
Para ouvir meu sofrido *miserere*.

Assim, eu vou tratando de compor,  
Pedindo tão somente que me ajude  
Nas rimas em que não exista amor,  
Por força de faltar-me tal virtude.

Compondo simplesmente belas trovas,  
Não vou satisfazer nenhum dos mestres:  
Preciso, antes de tudo, dar as provas  
De que já superei os dons terrestres.

Acima, confessei o meu pecado,  
Mas devo revelar que estou melhor:  
Apenas continuo estabanado,  
A repetir conceitos só de cor.

Percebe o bom amigo como gira  
A roda destes temas que componho:  
Eu toco quase sempre, em minha lira,  
As notas que me mostram tão bisonho;

E juro que pretendo descrever  
Minh'alma, como prova de que estou  
Cumprindo dos meus mestres o dever  
De aqui jamais vir dar um raro *show*.

No entanto, é com agrado que mantenho,  
Nos versos, o sagrado sentimento  
De carregar nos ombros o meu lenho,  
Sabendo que o leitor eu alimento.

O que devo pedir de bom p'ra mim?  
Apenas que me façam linda prece,  
Ainda que o meu verso tão ruim  
Enseje que o leitor logo se apresse.

Conheço muita gente que diria  
Que estou falsificando a minha dor.  
Ocorre-me, porém, que, na poesia,  
O sentimento é fácil de dispor.

Assim, vou terminando por agora,  
Disposto a aqui voltar uma outra vez,  
Sabendo que o preceito que vigora  
Permite apresentar-se quem já o fez.

Desejo agradecer ao Pai do Céu  
A permissão que tenho de escrever,  
A fim de revelar quanto escarcéu  
Está no coração do pobre ser.

## 10 O conquistador

Não trago boas novas p'ros mortais:  
Apenas que já posso vir contar  
Como é que me situo nos Umbrais,  
Que transformei, por ora, em doce lar.

Preciso concentrar-me na maldade  
Que foi o que me trouxe tanta dor.  
Confrange-me a amargura que me invade,  
Ao ter de o coração aqui expor.

Valente tentei ser durante a vida,  
No entanto, fui covarde nas conquistas.

Nutri-me com tal ódio, sem guarida,  
Buscando escafeder-me doutras vistas.

Realizei loucuras muito estranhas,  
Na alcova acetinada da mansão.  
Se as narrasse, ouviria: — *São patranhas:*  
*Ninguém há que se dê tal perdição...*

Arruinei tantos sonhos promissores  
De moças que se tinham por espertas.  
Enfrentei, pelos crimes, os horrores,  
Por jamais ter cumprido as vis ofertas.

Estas quadras dão bem o testemunho  
De que trago minh'alma em pandarecos:  
Por tão ruim poema, eu me acabrunho;  
Outros sons desejava para os ecos.

Que fazer, se não tenho outro recurso,  
A não ser desejar melhor fortuna  
Ao irmão que está sendo amigo-urso,  
Deixando que a consciência, um dia, o puna?!...

Eu canto o desconsolo de minh'alma  
E vou levando a rima até o fim.  
Quem sabe o coração receba, em calma,  
As vibrações de amor que deem a mim!

Eu peço, compungido, que perdoem  
O atrevimento sério desta trova,  
Mas são os filtros bons onde se põem  
Os erros que a consciência mais reprova.

Espero ter trazido para o povo  
O enguiço em que meu cérebro se esfalfa.  
Se me deixarem, volto aqui de novo:  
No abecedário, estou na letra alfa.

O médium quer que faça outra quadrinha,  
De modo que lhe dê satisfação,  
Mas o sonho de luz se desalinha,  
Na rima que se dá somente em -ão...

Não quero aborrecê-lo com tais versos,  
Por isso, vou parando por aqui.  
Os outros que fizer serão perversos:  
Ao Pai peço perdão; também a ti.

## 11

### Regenerada mente

Vim dizer-lhe que estou bem mais ativo,  
Nesta fase de estudos na *Escolinha*,  
Procurando manter-me criativo,  
Neste rimar que o coração alinha.

Com paciência, me encontro mais asinha  
Espantando-me as crises que não crivo  
Em sonetos pungentes, pois caminha  
Minh'alma muito longe do ser vivo.

Estou interessado em aprender  
As teses da existência nesta esfera  
E faço irresistível o dever,

Distante da falência desta espera  
Que representa a estrada do poder,  
Quando à maldade digo que *já era!*...

## 12

### Pelos outros

— *Pretensioso!* — hãõ de me dizer,  
Porque demonstro fraco o rendimento,  
Enquanto me coloco no poder  
De dominar a vida no momento.

Porém, um pouco mais eu acrescento  
À dúvida sagaz que vai pender,  
Pois crivo o verso meu de sentimento,  
Na ânsia de pedir-lhe bem-querer.

— *Como é que alguém se porta como um deus*  
*E vem pedir a nós, pobres mortais,*  
*P'ra darmos orações, em sendo ateus?!...*

É que estou precisando um pouco mais  
De afeto, nas tristezas em que os meus  
Se locomovem zonzos nos Umbrais.

## 13

### Em nome do Senhor

Não quero debochar de alguém descrente,  
Que esteja a duvidar de minha rima,  
Por isso vou dispor, muito contente,  
Que tenho pelos meus bastante estima.

Queria aqui fazer uma obra-prima,  
No entanto, o meu poema não se sente  
Modelo de virtude em que se arrima  
O meu sentir, na angústia dessa gente.

Falece a compreensão para o destino  
Que têm os meus amigos em perigo,

O que, no meu folgar, não imagino.

Assim, tão simplesmente aqui lhes digo  
Que devem de seguir o bom ensino  
Que de Jesus partiu, p'ra nosso abrigo.

## 14

### *Desestrelado chão*

Não vou recomendar que chegue cedo,  
Porquanto o que aqui faço é suficiente  
P'ra demonstrar que estou com muito medo  
De ter um bom leitor em minha frente.

Não quero impressionar, neste arremedo  
De versos, pois não acho quem me aguento.  
Então, o meu lugar eu logo cedo,  
Sabendo que um qualquer é mais presente.

Honestamente, vou dizer que sinto  
Não ser modesto, nestes versos rudes;  
Hipócrita, talvez, por isso brinco,

Estimulando falsas atitudes,  
Que a luz que passa por furado zinco  
Não forma estrelas, pois não tem virtudes.

## 15

### **Subjugada mente**

Os meus estudos vão por um caminho  
Que serpenteia livre na floresta,  
Mas, quando desta mesa me avizinho,  
Esqueço por momentos minha festa.

São borbotões de ideias que encaminho,  
Filtradas pelo mestre que me atesta  
Que posso me espriar neste cantinho,  
Porquanto ao escritor é o que inda resta.

Aí, vão perguntar por que trabalho  
Preocupado assim co'a perfeição,  
Obrando com tal arte de espantalho,

Que impede as aves de colher, no chão,  
Os grãos que lhes dariam, quando falho,  
Este alimento rico em negação.

## 16

### A eterna rogação

Eu sei que tenho verve mas não verso  
O tema que planejo sempre em vão:  
O pensamento trago muito imerso  
No trêmulo pulsar do coração.

A compreensão de que sou mui perverso  
É tudo o que contém o meu refrão,  
Por isso este penar, que não disperso,  
Embora saiba bem quais votos são.

Querido e bom leitor, ore por mim,  
Que necessito estimular a rima,  
Para tornar a trova tão ruim

Em algo digerível, neste clima.  
Um dia, alço voo, querubim,  
Lembrando-me de quem me teve estima.

17

## Sem frescura

Estive contrariado nesta esfera,  
Depois que regressei p'ra cá forçado:  
O sofrimento desasado gera  
Terríveis dores pelo triste fado.

Até pensar na culpa ao meu encargo,  
Penei bastante no negrume intenso.  
Agora também sofro, sem embargo  
De quanto me compreenda, quando venço.

Um verso após o outro, vou deixando,  
Sem grandes entusiasmos, pois não primo  
Em evitar a dúvida: — *Até quando*  
*Devo pastar no Umbral, sem quem estimo?*

Estes momentos lindos de poesia,  
Que causa, no leitor, só aversão,  
Transformar em amor eu poderia,  
Se não dissesse a mim um grande *não*.

Não quero perder tempo neste ponto  
Em que diviso além a eternidade,  
Mas, para prosseguir, não estou pronto,  
Pois forte negação minh'alma invade.

Aí, eu vou deixando p'ra depois  
A correção das rimas que disponho:  
Os versos vão soando dois a dois;  
Eu vou vivendo apenas no meu sonho.

A quantidade certa das quadrinhas  
Me deixa confortado nesta altura,  
Porque passei do meio destas linhas  
E vou compondo as rimas sem frescura.

Parece que meu médium acredita  
No fato de que presta um bom serviço.  
Não quero ver su'alma mais aflita,  
Embora saiba bem o quanto atijo.

Está mui fácil de compor a trova,  
Porquanto o tema nada traz sublime.  
É que minh'alma lembra a feia cova,  
Desde que, a latejar, o verso rime.

Pretendo melhorar, a cada dia,  
O desempenho, neste verso pobre,  
P'ra bater no compasso da harmonia  
O coração, a repicar em dobre.

Eu peço ajuda à luz de Jesus Cristo:  
Que caia lá dos páramos profundos.  
Mas tão palerma estou que não insisto,  
Sabendo bem melhores outros mundos.

Desejo melhor sorte p'ro leitor,  
Quando chegar-lhe a vez de vir rimar.  
Se duvidar que tenha de compor,  
As barbas já de molho é bom deixar.

Ninguém me disse aí que deveria  
Dispor-me a trabalhar em versos sóbrios.  
Por isso é que o conjunto da poesia  
Apenas me revela em meus opróbrios.

Eu deixo que o leitor conclua o tema,  
Porquanto o meu serviço chega ao fim.  
Perdoe, se puder, o estratagema  
E mire-se no espelho, mesmo assim.

## 18 Monocórdio

Não tenho a reclamar do meu amigo  
O fato de que venha tão cansado,  
Pois, quando aqui se encontra do meu lado,  
Se põe a versejar logo comigo.

É belo este trabalho, mas me enfado,  
Porquanto o verso faço ao modo antigo,  
Sabendo que a poesia é lauto trigo  
E o versejar p'ra mim joio estragado.

O fogo então se acende e não me queima:  
Chamusca simplesmente a minha pele,  
Enquanto o meu leitor pensa que teima

Quem para cá voltou mais sofredor.  
A rima é forma que se quer congele  
O tempo d'alma em que me falta amor.

## 19 Derivação

Meu artifício p'ra montar a rima  
É sempre o mesmo, desde que cheguei:  
Falo do verso e mostro que não sei  
Desentranhar o gênio que me anima.

Falar de Deus é muito, já que errei  
Ao eleger o tema posto acima.  
Mas, como a trova vem sem obra-prima,  
Nas plagas em que mando sou o rei.

É como o povo diz da gente cega:  
Um olho só lhe basta p'ra reinar.

Conheço a porta que me oculta a adega

Da qual não tenho a chave para entrar.  
É como a tal raposa frustra alega:  
Está mui verde a uva e o vinho... *iguar...*

## 20 Trocadilhando

Ao menos, não me frustra este arremedo,  
Porque componho o verso compassado.  
O medo é co' o futuro, que arrecado  
Ao ver que, no presente, a rima é cedo.

É o jogo das palavras arriscado,  
Porquanto em tal virtude não me excedo.  
Engano-me, contudo, neste enredo,  
Buscando ledô engano em todo lado.

O mestre pede a rima mais contrita,  
Que o tempo que se perde é mui precioso.  
A brincadeira apenas facilita

O pensamento de que exista gozo  
Na troça triste que nos traz aflita  
Noss'alma em verso muito pernicioso

## 21 Sem sutileza

Não posso reclamar, porém, reclamo;  
Não posso versejar, porém, versejo.  
O que devo fazer e só desejo  
É vir colher bons frutos neste ramo.

Tivesse, ao menos, respeitoso pejo,  
Jamais diria que meu leite mamo  
Nestas nutridas tetas que mui amo,  
Artista que só gira o realejo.

Meu oculto leitor talvez pretenda  
Que os desta minha esfera, com amor,  
Retirem-lhe dos olhos negra venda,

P'ra que seu mundo enxergue multicolor.  
Mas, quanto a mim, eu quero que compreenda  
Que o mais que agora faço é vir compor.

## 22

### O momento

Fugia de enredar-me com a trova:  
De borco vim cair junto a esta mesa.  
Queria desfazer a simples prova,  
Dizendo que temia tal proeza.

Agora, vou fazendo esta *beleza*,  
Que o meu caráter pinta e, mais, comprova.  
Bem sei quais são as rimas sem rudeza.  
Em mim, porém, dá o texto grande sova.

Já desistiu o médium de querer  
Estimular-me o vezo da doutrina,  
Pois sempre estou mui longe do dever,

O que minh'alma muito recrimina.  
Possuo o tempo para aqui escrever  
E mal demonstro o bem que se origina.

## 23

### Luz no fim do túnel

— *É detestável!* — diz qualquer que leia,  
Iluminado, embora, por Jesus.

— *Não há que ver: a coisa é muito feia;*  
*A versos brancos tudo se reduz.*

Então, alguma dor que se introduz  
De algum afeto a rima já permeia,  
Tornando bem mais leve a rude cruz,  
Porquanto esta miséria se estadeia.

Não trouxe para o etéreo nenhum bem  
Daqueles que compreendo valiosos,  
Para crescer aos olhos cá do além.

Mas tive meus momentos mais preciosos  
Nos braços de mamãe, que, aqui também,  
Deseja ver morais meus fortes gozos.

## 24

### Consciencialização

Repugna ao leitor que seja franco?  
Talvez quisesse aqui quem tenha luz.  
As lágrimas que verto nunca estanco,  
Que o mal do texto ainda me seduz.

Falar de Deus, em nome de Jesus,  
Não é p'ra quem o verso sai tão manco.  
O peso verga as costas desta cruz  
De quem jamais deseja o verso branco.

Então, a minha rima se constrói  
A queima-roupa, neste assalto louco,

Como nos filmes tolos de caubói.

Tempo perdido, insólito, na vida,  
Onde de bom eu fiz somente um pouco  
Do tanto que devia em paz haurida.

## 25

### O queixume

Ao Pai eu agradeço a minha vida,  
Embora reconheça-me infeliz.  
Na Terra, dei provento a quanto quis,  
Saindo esta minh'alma mui ferida.

Tivesse posto amor na diretriz  
Que dei a cada passo dessa lida,  
Não tinha a paz no etéreo combalida  
Nem vinha descrever o mal que fiz.

Por isso, esta poesia se esfrangalha,  
No trágico queixume do momento,  
E o que terá de bom é só migalha

Que cai da mesa farta, o qual o vento  
Me traz, p'ra que transforme em vil metralha,  
Com que venho ferir o povo atento.

## 26

### Pelos próximos

Responsável eu sou, mas sou agora,  
Ao receber dos mestres bom carinho.  
Devera aqui chegar mui de mansinho  
E não intempestivo, p'ra quem ora.

O medo é de fazer deste caminho  
Contorno p'ra volver ao mal que explora  
O sentimento triste de quem chora,  
Por ver-se, neste transe, tão sozinho.

Não posso deplorar o meu estado,  
Mas tenho de dizer que estou sofrendo.  
Amparam-me os amigos deste lado,

Mas vejo que há perigo tão horrendo,  
Nas atitudes dos que têm logrado  
Deixar sem condições quem vem vivendo.

## 27

### Gente melhor também sofre

Lastimo ter perdido tantas horas  
Envolto por noções dessa grandeza.  
Agora que me vejo junto à mesa,  
Não tenho o que dizer com tais demoras.

Espero não falir nesta proeza  
De versejar em rimas mais senhoras  
Do traço pessoal, já que me exploras,  
Ó coração maldoso, sem nobreza.

Bem melhor é o que tem mais compaixão,  
Embora haja falhado na doutrina:  
Aqui não pode já dizer um *não*

Que rime com perverso, pois atina  
Que tem a consciência tal razão,  
Para cumprir a lei; e se amofina.

28

### Ao leitor virtual

Suspeito de que esteja atrapalhando  
Esse sossego bom do caro médium.  
Mas tenho de escrever, que é meu remédio,  
P'ra que suporte, enfim, o mal nefando.

Estou fugindo até de vil assédio  
Que impetram contra mim, mas até quando  
Terei de caminhar, no etéreo errando,  
Para pôr fim às dores do meu tédio?

— *Literatice, apenas: não é sério*  
*O desabafo triste desse amigo* —  
Hão de pensar tão longe do mistério.

Mas quem convive aqui, junto comigo,  
Após todo o sofrer do cemitério,  
Bem sabe como estou falto de abrigo.

29

### Ao editor virtual

— *E os companheiros bons dessa Escolinha*  
*Não vêm p'ra confortar quem sofre tanto?*  
São eles que me enxugam todo o pranto  
E dão conselhos úteis mais asinha.

Sou eu que sinto falta do quebranto  
Dos dias encarnados em que vinha  
Rimar os versos tolos da quadrinha,  
Querendo dar aos outros muito espanto.

De sério, fiz uns troços literários,  
Esboços que mandei assim p'ra imprensa,

Com méritos somente imaginários.

Mas, como o redator nem sempre pensa  
Que sejam os leitores tão otários,  
Agora tenho fé que a rima vença.

### 30 O autor real

Pareço constrangido quando escrevo?  
O verso chega límpido e brilhante,  
Translúcido no empenho que garante  
Que o meu sucesso agora ao povo devo.

Eu tenho de levar o tema avante,  
Mas faltam-me recursos de relevo:  
De quatro folhas não possuo trevo  
Que possa assegurar-me sorte amante.

Mais acumulo, então, os termos soltos,  
Enevoados, pois estão envoltos  
Em meu proverbial estilo amargo.

Capricho, em todo caso, mesmo assim,  
Sabendo quanto a estrofe vem ruim,  
Amenizando a pena, sem embargo.

### 31 Despojada mente

Apenas um soneto, nada mais,  
Que o dia já está ganho p'ra mim.  
A obra que lhe passo, assim, assim,  
Estabelece o clima desta paz.

Você irá saber por que é que vim,  
Assim que terminar com os meus ais,  
Porquanto são os versos bons que tais  
Que vão mostrar o amor que estou *afim*.

Meu linguajar apuro no vulgar  
Que corre solto junto ao povo inteiro,  
O que me obriga a vir mais devagar.

Ajuda ao médium sempre aqui requeiro,  
P'ra que ninguém me ponha em nobre altar:  
Feliz estou! Alegre-se, parceiro!

## 32

### Um pouco melhor

No tempo antigo, eu vinha compor versos,  
Mas, cá chegando, errava quase todos:  
As belas flores enjeitavam lodos  
E meus sonetos eram só perversos.

Mas quais vão ser os álgidos apodos  
Que brotarão dos caules submersos,  
Se os resultados não estão diversos  
Do tratamento hostil dos vis engodos?

Preocupando-me apenas cá comigo,  
Não penso na falência a que me exponho,  
Deixando como está, sem dar abrigo

À crítica que nego até em sonho,  
À beira deste abismo que lobrigo,  
Por não me presumir tão enfadonho.

### 33

#### Em terra de olho...

Carrego na pintura dos defeitos  
E digo já, de cara, que sou pobre.  
O sino toca triste, toca em dobre,  
Anunciando aos homens os eleitos.

Ao eleger a rima, dou que sobre  
Alguma p'ra que os versos vão bem feitos.  
Assim, com meus assuntos satisfeitos,  
Eu posso contornar, sem que desdobre.

Volteio, intemorato, em torno a mim,  
Corajoso somente porque sei  
Qual vai ser do verso o rude fim.

O médium mais capricha, pois a grei  
Estimulou o gajo mesmo assim,  
Porque, se sou vassalo, é ele... errei...

### 34

#### O recado, apesar de tudo

Quase pratico a injúria duma ofensa  
Contra a sagrada lei de ser gentil  
Com quem vem receber-me nada hostil,  
Desejando-me apenas que hoje vença.

Queria ter o espírito senil,  
Porque o perdão se dá, sem vil detença,  
Quando se sabe que o poeta pensa  
Que o que vem comprovar vem logo a mil...

Esta batalha insana não termina  
Com simples desejar de quem protesta:

Seja o forçado condenado à sina

De vir falar rimando, em tom de festa;  
Seja o encarnado pronto ao que se ensina,  
Embora veja o pouco que lhe resta.

### 35

#### Sem originalidade

Não tenho condições de vir ditar  
Qualquer verso com muita formosura,  
Por isso, peço a quem tão bem me atura  
Que guarde, para mim, um bom lugar.

Pretendo estimular, com tal ternura,  
O verso, que não canso de rimar,  
E venho, muito aos poucos, devagar,  
Cumprindo, neste canto, a minha jura.

Recursos não me faltam p'ro poema:  
Sinceridade assim é que comprova  
O quanto sofro, pois o meu problema

É transformar os sons em melodia  
Que conserve o condão de coisa nova,  
No mundo universal desta poesia.

### 36

#### O beija-flor cantor

Estive preocupado com a rima  
E me olvidei até do meu trabalho,  
Porém, quebrou-me o mestre o duro galho,  
Pedindo que fizesse uma obra-prima.

Colhi, nas pétalas, sutil orvalho  
E borrifei nos versos com estima,  
Acreditando que o amor sublima  
O texto, mesmo quando eu me atrapalho.

O máximo que fiz é isto aqui:  
Poema superior p'ro cabedal  
Que trouxe dessa vida, que vivi

Fazendo, para a gente, tanto mal.  
Agora, tento pôr um colibri,  
Para que o canto seja natural.

### 37

#### Despachada mente

Selado o compromisso com a turma,  
Terei de vir cumprir a obrigação,  
Porque, se aqui falhar, não há que durma:  
Jamais eu vou querer ouvir um *não*.

Mas, como estou somente iniciando  
A caminhada tosca nesta senda,  
Não posso predizer o dia quando  
Irei tirar da vista a negra venda.

Por isso é estes versos desconcertam,  
Sem transformar a trova em melodia:  
Se os bons amigos, por amor, alertam,  
Então virei compor: não caio em fria!...

O mundo apequenou-se para mim,  
Que devo simplesmente refletir  
Sobre o que fiz aí de mui ruim,  
Para evitar os erros no porvir.

São simples, como veem, nossas metas,  
Embora a trova traga confusões,  
Porquanto o archeiro que arremessa as setas  
Não faz nenhuma estrofe sem senões.

Contente há de ficar o caro médium,  
Que não se esforça muito por rimar:  
Recebe deste irmão simples assédio  
E conta as sílabas, de par em par.

Mas fica triste quando vê que o gajo  
O põe nos versos, sem qualquer escolha.  
Mas, que fazer, se é sempre assim que ajo,  
Irreverente, p'ra que o bem se colha?!...

Querido irmão, futuro e bom leitor,  
Não seja crítico demais no dia  
Em que estiver a ler, de mau humor,  
Esta fieira insólita, vadia.

Nos queira bem, embora o erro crasso  
Se evidencie ao começar o verso.  
Na correção, eu sempre me embaraço:  
Faça por mim que rime, incontroverso.

Hão de espantar-se os que me têm por sábio,  
Quando souberem quanto sou vaidoso.  
A confissão me faz tremer o lábio:  
O resultado é dúbio p'ro meu gozo.

Quero expandir o tema fortemente,  
Para mostrar ao povo o quanto sofre  
Quem trouxe aí da Terra a pobre mente,  
Pensando nas riquezas deste cofre.

Aqui cheguei, um dia, sem virtude,  
Tanto gozei na Terra a vida alheia.  
Como fazer agora p'ra que mude

A cara de estafermo, que é tão feia?

Vou terminar a rima que hoje trago,  
Soberba confusão de anseios mil.  
Deixei configurado, um tanto vago,  
Que trouxe em mim defeitos do Brasil.

Espero firmemente que o parceiro  
Se ponha prevenido quanto ao mal.  
Por isso é que a Jesus hoje requeiro  
Que os versos se publiquem num jornal.

Estimulado pelo tema acima,  
O caro médium teme o obsessor:  
— *Se ao menos a poesia fosse opima;*  
*Se se expressasse em puro e bom amor...*

Eu prometi partir e continuo,  
Mas sei perfeitamente aonde vou.  
Caso o leitor se enfade, não me amuo,  
Porque eu também já disse: — *Pobre sou!*

Eu justifico assim este desplante  
De prosseguir enchendo a má linguça.  
Um verso só que faça semelhante  
Vai me mostrar, porém, que a mente enguiça.

## 38

### Conversando com o médium

Espero respeitar o meu amigo,  
Que planejou sair, p'ra ir ao centro.  
Pretende retomar o modo antigo  
De ouvir palestras, p'ra ficar *por dentro*.

Não vou, portanto, encaminhar meus versos,

Pois de obra-prima não serei capaz:  
É fácil de chamá-los de perversos,  
Porquanto mesmo o autor também o faz.

Assim, fico contente e me despeço,  
Bem certo de que volto noutro dia,  
Mas não serei abrupto, pois não cesso  
De modo intempestivo esta poesia.

Controlo o tempo que disponho ainda  
E dito um verso mais, com descortino,  
Sabendo quanto a rima há de ser linda,  
Se me lembrar do Cristo ainda menino.

Embalo o lindo sonho desta trova  
Vir comprovar o quanto melhorei.  
Se a minha fé em mim mais se renova,  
É fruto do trabalho desta grei.

Eu tenho amigos bastos muito espertos,  
Que me propõem trabalho sempre novo.  
Estão seus corações também abertos  
P'ras reações sutis de todo o povo.

Assim me recomendam contenção  
Na hora de trazer o meu recado:  
É preferível vir rogar perdão,  
Sem arrogar direitos deste lado.

Eu faço os versos tristes mas capricho  
O mais que posso, nestes dias lindos.  
Mas que esperar se sou apenas lixo,  
Com sofrimentos duros quase infindos?!...

Vou superar, um dia, a triste fase,  
Para cantar alegre um fado airoso,  
Embora dê impressão que esteja quase,  
Me falta muito ainda p'ra tal gozo.

Não fosse a vigilância das pessoas,  
Iria desandar em pranto só:  
As rimas não iriam ser tão boas;  
Os textos não iriam causar dó.

Se for melhor calar-me, diga logo  
O crítico leitor que se amofina.  
Com ele me abespinho e dialogo,  
Na crença de que o tom tenha morfina.

Atenuei rancores com a rima?  
Vislumbrei as saídas para o mal?  
Pois simplesmente eu quero a sua estima,  
Como se a trova fosse natural.

Encerro o seu tormento, meu *cavalo*,  
E afrouxo a condução na dura pista.  
Desculpe se não vim para agradá-lo:  
Quem sabe numa próxima entrevista...

39

***Pena, penita, pena...***

Entenda-me, querido, em meu anseio  
De vir para mostrar como é que estou:  
Se o coração se abrisse sem receio,  
Iria aproveitar-me para um *show*.

No entanto, temeroso, eu me apresento,  
A demonstrar que estou sempre inseguro,  
Não tanto pela forma que lamento,  
Mas pelo pensamento tão impuro.

Tivesse a regalia do sublime,  
Iria demandar toda a atenção,

Mas creio, simplesmente, que não rime  
O nosso amor; e peço, assim, perdão.

Os tristes descaminhos destes versos  
Sou bem capaz de tê-los na memória,  
Porquanto, se nos males vão imersos,  
Também não vão trazer-me a tal da glória.

Simplicidade é norma e contingência  
Que devo pôr nas trovas que lhe trago:  
Se os temas fossem santos, a vivência  
Iria só causar enorme estrago.

Por isso, fico aqui na superfície,  
Aprofundando apenas a intenção.  
P'ra mim, a rima torna-se difícil,  
Porquanto espero sempre um forte *não*.

O médium se desprende facilmente  
Da vibração que imponho junto à mesa,  
Julgando que o que faço é coerente,  
Sem empregar esforço na proeza.

Preciso, a toda hora, reafirmar  
Que sou mui responsável pela obra.  
Por isso, dou um jeito de apurar,  
Pois, do contrário, o mestre mais me cobra.

Se é pobre a rima e sai de seu compasso,  
Serenamente aguarda um verso novo.  
O que já lhe entreguei é calhamaço,  
Mas diz o caro algoz: — *Não serve ao povo*.

Assim, vivo somente da esperança  
De vir, um dia, elaborar a peça,  
Pois, com paciência, o gajo sempre alcança  
Algo que o povo diga: — *É bom à beça!*

Mas como o dia já não vai ser este,  
Despeço-me feliz por ter tentado.  
Alguém vai me dizer: — *Pois só perdeste*  
*Um tempo precioso, a meu malgrado.*

Eis a expressão correta do que disse  
Já na primeira estrofe que compus.  
Que eu tenha a perfeição, nesta sandice,  
De recorrer ao Mestre, o bom Jesus,

Para pedir-lhe seja generoso  
E me credite um bônus, que o trabalho,  
Se não causou polêmica nem gozo,  
Foi duro à beça e nele me escangalho.

Eu sei que a brincadeira há de ter hora,  
Mas não suporto a rima tão sisuda:  
Se o verso se escangalha e não melhora,  
Eu rogo ao bom leitor que mais me acuda.

Como chegar a mim na conjuntura,  
Se tudo o que lhe passo transparece  
Como infeliz proposta, nesta altura?  
Rezando, simplesmente, alguma prece.

Eu tenho a solução p'ra cantilena,  
Mas tudo jogo ao colo do leitor.  
É que é do verso a forma mais amena  
E fácil de livrar-me do compor.

Perdoe-me você que já não pena  
Co'a pena desprovida de valor.  
Se fui aquinhoadado co' esta pena,  
Mais depenado estou sem seu amor.

40

## Em hora de azáfama

Não creio que este amigo esteja aceso  
Para o que vim ditar nesta poesia.  
Caso lhe ofenda o dito, é de meu vezo  
Pedir perdão e vir num outro dia.

Dispõe-se a prosseguir tomando o verso,  
Pois sabe que o trabalho lhe enobrece,  
Embora seja o tema tão perverso  
Que exige dele a obrigação da prece.

Confia-me, em segredo, que não teme  
Deixar para depois o atendimento.  
Na pele é que faz falta um belo creme,  
Se o sol queima de fato o pigmento.

Não é de bom augúrio o desafio  
Às forças superiores desta esfera.  
Mas diz-me o caro médium: — *Eu desconfio*  
*Que é o sofredor que há de ser a fera.*

Aí, eu me arrependo e me consolo,  
Porquanto algumas rimas são presentes,  
Conquanto eu aja falso, em rude dolo  
Contra os princípios claros ou latentes.

Sou fanfarrão assim como me atrevo  
A vir dizer o quanto tenho força,  
Porque, nesta agonia em que hoje escrevo,  
O tom não há quem perca nem que torça.

Ficou bem clara a minha rebeldia,  
Contra o desejo expresso de parar,  
Que vi delinear-se n'alma fria  
Do gajo que se pôs neste lugar?

Este improviso posso cá estender,  
Indefinidamente, até amanhã,  
Mas não será, então, cumprir dever,  
Apenas versejar, em obra chã.

O médium me propõe ligeira trégua,  
Pois é vertiginoso o meu ditado.  
O meu desejo é vir *lavar a égua*,  
Neste gracejo dúbio em que me enfado.

As quadras se acumulam muito rápidas,  
De modo que estas rimas se esfacelam.  
Por isso, um bom respiro torna práticas  
As notações sutis que o povo gelam.

Vou suspender agora o meu trabalho,  
Pois demonstrei, à farta, o meu bodum.  
Alguma vez, talvez, estive falho,  
Mas o meu verso enfeita-o debrum.

Retiro as rimas deste que me serve,  
Que aqui queria ver como me saio,  
Quanto a demonstrar que tenho verve;  
No entanto, na armadilha hoje não caio.

A pressa se perdeu pelo caminho  
E posso já fazer um pouco de hora:  
É bom de receber o seu carinho,  
Mesmo que esteja pronto a cair fora.

A máquina impressora já chegou  
E o filho se impacienta lá na sala.  
A tecnologia dá seu *show*,  
Para que eu possa aqui depreciá-la.

Eu brinco apenas com meu caro médium,  
Porquanto sei o quanto me respeita.

Não quer fugir jamais do meu assédio,  
Pois sempre o verso que lhe passo aceita.

É de pascar que tenha estado atento  
Para estas rimas pobres, sem pudor.  
Se é para me aguentar, repete: — *Aguento,*  
*Pois tudo um dia acaba em puro amor.*

## 41

### Poema p'ra um só

Há de servir o verso p'ra descanso  
Do texto mais complexo da prosa;  
Ou posso compreender que mais avanço,  
Embora no jardim não haja rosa?...

A dúvida persiste e o caro amigo  
Se põe a meditar sobre tal tema.  
Não briga, por cortês, muito comigo,  
Mas sabe quando estou tendo problema.

Eu venho mais ranzinza a cada dia,  
Por pretender seja perfeita a rima,  
Sem exigir, contudo, haja poesia:  
Apenas o retrato duma estima.

É pouco, p'ra quem tem um tempo imenso  
E passa a melodia o dia inteiro,  
Cá vir para agitar um simples lenço,  
Pois mais ao caro médium não requeiro.

Repito o mesmo tema e me aborreço,  
Porque sinto esta estrofe mais bem feita,  
Enquanto o pensamento que ofereço  
Não passa da catástrofe que aceita.

O médium já me pede que suspenda  
A rima desta linha sem futuro:  
— *Embora este trabalho muito renda,*  
*Não vai alcançar fama: eu lhe asseguro.*

Paciência é meu limite nesse caso  
Em que já dialogo só comigo.  
Um dia eu irei ler: eis que me embaso  
Num único leitor, meu inimigo.

Aí, eu vou poder, por ter direito,  
Exercer a censura que prevejo  
Como um fácil recurso deste pleito,  
Ao transportar o tema, sem motejo.

Não há de ser difícil prosseguir,  
Se facilito as coisas nesta trova.  
Um dia bem distante, no porvir,  
Alguém vai ter de abrir a minha cova.

Espero, impertinente, que não grite,  
Ao deparar-se com defunto sério.  
Na comunicação, solfejo um *bit*,  
Mas um poema quero: grão mistério!

Eu deixo registrado o quanto peno,  
Por não lhe apresentar algo que preste.  
O seu pensar, conquanto mui sereno,  
Contra o valor do texto sempre investe.

Devo salvar apenas a intenção,  
Que é boa, muito honesta, como externo.  
Mas sei que, no final, ao dizer *não*,  
Vai deduzir que moro lá no inferno.

Não queira, companheiro, só inspirar-se  
Na forma até que alegre do meu verso:  
Precisa que haja força de catarse,

Para evitar que o seu seja perverso.

Eu peço ao Pai que sempre nos proteja  
Do orgulho tão voraz desta *obra-prima*.  
Se trago, no meu rosto, brotoeja,  
É para compreender que o bem sublima.

## 42

### A prova dos versos

Não quero vir trazer-lhes meus problemas,  
Senão as soluções que tenho dado,  
Mas tantas são as provas e os sistemas  
Que a empresa está deixando-me cansado.

O amigo que me toma o mau ditado  
Se assusta com os rumos dos meus temas,  
Julgando que ninguém cá deste lado  
Irá poder livrar-se dos poemas.

— *Eu devo, então, ficar de orelha em pé,  
No aguardo da desdita duma rima?  
Não basta demonstrar que tenho fé:*

*Preciso destas trovas p'ra que a estima  
Do Pai por mim disponha que dá pé  
O trecho do riacho que me anima?...*

## 43

### Poeta por opção

O fato é que pedi p'ra vir rimar,  
Porque julguei mais fácil tal resgate:  
Gastava o tempo num quieto lugar  
E vinha p'ra ditar, sem disparate.

Não atinei, porém, que deveria  
Estipular a norma da verdade.  
Pensei que aqui, para fazer poesia,  
Era lembrar da vida, com saudade.

Mas a consciência me pegou no pulo  
E me mostrou o quanto eu era tolo:  
Se descrevesse o meu caráter chulo,  
Não tinha como em verso recompô-lo.

Não vou arrepende-me só por isso,  
Que a trova há de servir para o leitor,  
Se a boa decisão eu logo atijo  
De agir para que a vida seja amor.

Não quero que as palavras ganhem força  
Apenas porque as trago de memória,  
Porquanto, assim, encontram quem as torça:  
Prefiro as que descrevem minha história.

Vaidade e presunção é pôr nos versos  
Só sentimentos vagos, intuídos.  
Quem vem para ditar, mesmo perversos,  
Tem de mostrar os dramas resolvidos.

Falência, eu não decreto nestas trovas,  
Senão fragilidade e muito empenho.  
Se são meros reflexos das provas,  
Ao menos saberão como aqui venho.

O dia há de render mais alguns versos,  
Na despedida triste e obrigatória.  
Os mestres e colegas vão imersos,  
Rezando p'ra dar certo a trajetória.

Ao Pai, primeiramente, a sua bênção,  
Contrito eu peço e aguardo em muita paz.

Os bons amigos quero que aqui vençam  
E estendo a mão a médium tão capaz.

## 44

### Encontradiço sentimento

Aqui cheguei e já me ponho aceso  
Para o ditado rústico do dia.  
Na vida, fui boçal e quedei preso  
Às ânsias de que aqui melhoraria.

Teria de treinar para o sucesso  
Dos versos que faria nesta esfera.  
Agora, compreensão é o que mais peço,  
Pois pensar sem agir é só quimera.

Por isso é que elaboro, em verso tosco,  
O tema da renúncia do perfeito.  
Se alguém quiser tirar-me deste enrosco,  
De pronto vai ouvir-me: — *Eu bem que aceito!*

O médium, pobrezito, é quem mais sofre,  
Pois nada que eu lhe passo fica impune:  
No coração se esconde um lindo cofre,  
Onde seus sentimentos bons reúne.

Porém, quando lhe faço referência,  
Olha p'ro cesto ali, ao pé da mesa:  
Esta homenagem feita de eloquência  
Vai ter destino certo, sem fraqueza.

Assim, o verso meu fica restrito  
Ao grupo que me põe p'ra trabalhar,  
Sabendo que o poema mais bonito  
Não serei eu que irei aqui ditar.

Aos que se enojam sempre destes versos,  
Já não escrevo eu, pois desanimo,  
À vista de encontrarem-se dispersos  
Aqueles que aos comparsas dão arrimo.

Perfeitamente cômico do dever  
É que prossigo agora na empreitada.  
No fundo, eu sei que existe bem-querer,  
Mesmo que disto tudo sobre nada.

Atinjo o ponto máximo do dia  
E me preparo já para sair.  
Agora, a turma toda, em alegria,  
Provoca o riso até do Wladimir.

Boçal seria se estivesse alegre  
Por ter rimado a trova em versos brancos:  
Não há casal que à noite bem se integre,  
Quando o marido dorme e emite roncos.

A estrofe acima mostra, com vigor,  
Quanto sou chulo nas imagens rudes.  
Bem poderia vir cantar o amor  
Ou nomear a lista das virtudes.

No entanto, me conduzo descontente,  
Sabendo as diretrizes do poético.  
Perdoe-me você que eu sei que sente  
A luta interior dum ser patético.

Preciso agradecer a tanta gente  
Que me tornou possível esta trova  
(Se fosse apenas um mais exigente,  
Iria eu voltar à minha cova),

Poesia de fantasma sem remorsos  
Que volta p'ra assustar a gente viva.  
Mas desses saem tantos tristes corsos

Que a rima já não vem mais criativa.

Por isso, vou fechar a sepultura,  
Pois, amanhã, eu volto mais disposto.  
Bem sei que ninguém mais hoje me atura:  
Quem sabe doutra feita mude o gosto...

## 45 Em linhas gerais

Estive *cai-não cai* por uns momentos,  
A duvidar que os versos sairiam.  
Premido pelos próprios sentimentos,  
Pensava no que os outros mais diriam.

Mas despertei, enfim, da letargia  
E pus-me a trabalhar com tal denodo  
Que ultrapassei a quota da poesia.  
Eu trago aqui só parte desse todo.

São rápidos os versos que componho,  
Porque não vêm peçados de conceitos:  
Com obra-prima agora não mais sonho,  
Porque não fui chamado entre os eleitos.

O que venho mostrar é muito pouco,  
Mas dá p'ra pôr as cartas sobre a mesa,  
De sorte a comprovar que, estando louco,  
Mantenho a transmissão da trova acesa.

As rimas é que não variam muito,  
Na ânsia de ocupar o tempo todo,  
A lamentar tão pobre o meu assunto,  
Sem aspirar a simples lindo apodo.

O tempo que gastei neste rascunho

Devera aproveitado ser melhor,  
No entanto, o verso é puro testemunho,  
Quando demonstra o quanto sou pior.

Lamento o desperdício deste dia  
E ponho-me a serviço dos mortais:  
Se não consigo os louros da poesia,  
Talvez responda a eles algo mais.

Assim, vou descrevendo esta minh'alma,  
Pois doutra coisa vejo-me impedido.  
Apenas provo que não perco a calma  
E espero dar à trova algum sentido.

Eu prometi voltar menos patético,  
Mas sinto-me prosaico a causar dó:  
Em ânsias deste ataque catalético,  
Desejo desatar o forte nó.

## 46 O poeta cego

Homérica seria a tal empresa  
De vir ditar verdades com amor  
A este que se prende com pobreza,  
Ao bom compasso deste mediador.

Ampara-me o bom médium, com destreza,  
Ao transformar em métrica o compor,  
Por defender, intrépido, esta mesa,  
Querendo dar sentido e dar valor.

Mas eu complico a rima, destoando  
De seus puros desejos de serviço,  
Quando se põe gentil sob o comando

De quem mais arrelia bem por isso,  
Que o bom é fazer versos denotando  
Que cumpre simplesmente um compromisso.

47

### Enfim, a revelação

Não posso aqui deixar a impressão falsa  
De que desejo apenas perturbar:  
Se, pobre, esta poesia não realça,  
Eu peço para o povo perdoar.

Adentro deste amigo o doce lar,  
Mas ele de receios não se calça,  
Porque nada requer seja exemplar  
E eu *danço* aos sons perversos desta valsa.

Assim, eu rogo ao Pai que nos proteja  
De nossas próprias falhas e critério,  
Que as rimas que recebo de bandeja

Dariam para quem chegasse sério,  
Pregando com moral e sem cerveja,  
Que é como aqui cheguei do cemitério.

48

### Sem desmazelo

Encontro-me feliz por vir ditar  
Os versos que compus para os mortais.  
Espero que me deem o que brindar,  
Se o texto propuser-lhes algo mais.

Eu tenho a compreensão do meu limite  
E passo a trova tosca, na esperança

De que ninguém jamais aqui me imite,  
Porque, se não, a prova não avança.

Falando em nome dos colegas meus  
Que se enganaram quanto aos temas tolos,  
Estamos amparados já por Deus,  
Porquanto conseguimos vir dispô-los.

Agradecidos, pois, nós nos sentimos  
Pela leitura amena dos amigos,  
Que nos demonstram o que vai nos imos  
Dos corações ausentes de perigos.

Para burlar a nossa expectativa,  
Os mestres acompanham cada verso,  
Tornando a nossa mente bem mais viva,  
Ao apontarem o desvio perverso.

Tão entretido estando no trabalho,  
O médium nem repara nos conceitos,  
Desejando tão só quebrar o galho,  
Quando os sons apresentam seus defeitos.

Preciso enunciar o que se passa,  
Para evitar que seja o amigo exposto  
À crítica mordaz, que mais desgraça  
Do que requer que a rima tenha gosto.

A nossa cantilena se aproveita  
Dum coração aberto para o amor,  
Embora sofra a trova de maleita,  
Tanto assinalo a medo o meu tremor.

Bem sei que o desempenho vai seguro  
E que meu verso tem até virtude,  
Mas eu queria fosse inda mais puro,  
Porém, p'ra isso, há que o gajo mude.

Contudo, ser for simples meu leitor,  
Admirar-se-á da rica forma  
E dos recursos d'arte de compor,  
Porquanto sigo, com rigor, a norma.

Falar do verso é prova de modéstia  
Ou é recurso chão de falsa rima?  
Retiro só dois alhos desta réstia  
Mas muitos outros vão. Confira acima.

Pretendo prosseguir mas falta alento,  
Porquanto a caminhada causa tédio.  
Se com mais esta estrofe eu me contento,  
Há de ficar alegre o caro médium.

Não posso, todavia, me esquecer  
Do compromisso de encerrar a trova  
Agradecendo ao Pai este poder,  
Que a cada novo dia se renova.

Não falo da poesia e sim da vida,  
Que me foi dada a mim com tal desvelo  
Que pude preservar, por ser sentida,  
Mas bom poeta nunca eu pude sê-lo.

## 49

### Leia os *Evangelhos*

Requer o nosso amigo um bom regime,  
Para enfrentar percalços nesta vida.  
Mas que posso dizer-lhe tão sublime  
Que no *Evangelho* não se deu guarida?!

Assim, esta poesia aqui termina,  
Porquanto a estrofe acima está perfeita:  
O mais que acrescentar é só ruína

De quem não aprendeu ou não aceita.

Recomendar paciência, sem ter paz,  
É chuva no molhado, é grossa falha.  
Quem vem para rimar já não vem mais,  
Se amor no coração a rima espalha.

— *Contradição!* — irão dizer, talvez.  
— *A rima que se fez não tem sentido!*  
E eu digo que o amor chega de vez:  
Não é porque, no verso, eu lhes convido.

Não tenho de pedir aqui licença  
Para fazer o verso do meu jeito.  
Espero, honestamente, que hoje vença  
Quem disse a essa virtude: — *O bem aceito.*

Às vezes, eu repito, simplesmente,  
Os temas dos colegas do meu grupo,  
Mas não sou eu; é o coração que sente  
A dura realidade desse apupo.

## 50

### Soneto de empáfia

Bem quis fazer a trova mais supimpa  
E pesquisei palavras que rimassem:  
O espírito notou que quem garimpa  
Os sentimentos deixa que se amassem.

Por isso, é bom falar d'alma bem limpa,  
Para que os males nunca me ameacem.  
Não devo levantar aqui a grimpa,  
Para que os versos venham e não passem.

Esta *obra-prima* me causou engulho,

Porque pensei ter feito algo maior.  
Mas revelei apenas fundo orgulho,

Pois deveria recitar de cor  
Os vícios todos em que mais mergulho  
E conformar-me com canção menor.

## 51

### O meu ardor

De qualquer jeito, a rima está passada  
E me aventuro a estar até contente:  
No rol das coisas sei não valer nada,  
Mas, mesmo assim, sou grato a toda a gente.

Um dia, cá virei com mais virtude  
E deixarei um verso assaz bonito.  
Espero que, até lá, minh'alma mude  
E saiba ver o bem, no mundo aflito.

O meu leitor terá também mudado  
E, com paciência, irá reler a trova,  
Para sentir que a vida deste lado,  
Com mais amor e fé, suplanta a prova.

Preciso reafirmar o que no início  
Depositei nos textos do *Evangelho*.  
Assim encerro a trova, sem bulício  
Mas com ardor sereno, rude, velho.

52

### Primeiro da trilogia

Devemos concentrar-nos no trabalho,  
Ao vir ditar os textos da poesia.  
Por isso é que fazemos seja fria  
A lúcida mensagem, sem farfalho.

Modestos aluninhos (quem diria?!)  
Suspiram por criar mesmo espantalho,  
Porque não merecemos mais que ralho,  
Na estranha vetustez da melodia.

Fizemos várias trovas mas perdemos  
Noss'álgido entusiasmo duma vez,  
Na dúbia pretensão aos bens supremos.

Quem não age na lei está perdido,  
Embora aqui não seja mui soez:  
É que nem todo verso traz sentido.

53

### Segundo da trilogia

Não me quer dispensar o caro amigo  
E põe-se a registrar um novo verso.  
Pretende que não seja mui perverso,  
Dizendo, quanto à rima: — *Vem comigo!*

O tema, reconheço, vai disperso  
Nas ondas de solícito castigo.  
Por isso é que com ele já não brigo  
E em sonhos de poeta vivo imerso.

Eu sei que o resultado até que é bom,  
No que concerne à forma do soneto.

O que mais prejudica é o rude tom

Desta mentalidade em branco e preto:  
Queria sinfonias num só som;  
Demonstro estar distante do coreto.

## 54

### Terceiro da trilogia

Não posso fracassar e me estímulo  
A realizar as rimas de mais um.  
Mas ponho, desde logo, um termo chulo  
Na mente que descobre: sou *bebum!*

Bem sei que a rima rica eu não engulo  
E o som mais parecido, *catabrum!*,  
Derruba-me tão logo dou o pulo  
No latinório: *Cogito ergo sum.*

Se deste verso tolo depreender  
O amigo que me lê que já estou morto,  
Tentando aqui somente revolver

Um pensamento que não seja torto,  
Então hei de pensar que o bom dever  
É dar à mente humana algo absorto.

## 55

### Renitência

Perdão, Senhor, por tanto que hei pecado,  
Até nesta poesia sem respeito,  
Na qual, quando as palavras bem ajeito,  
Os temas da razão ponho de lado.

Devia estimular o amor perfeito,  
Dando ao meu bom leitor, neste recado,  
A ideia de que já não mais me agrado  
Por ser tão egoísta dentro ao peito.

Falar de mim me deixa com vergonha  
Mas viro e mexo e nunca ponho fim  
Ao tema vicioso, pois, pamonha,

Eu fico preocupado em ser ruim  
O verso que demonstra a carantonha  
Que trago ao censurar-me, mesmo assim.

## 56

### O uso das virtudes

Repito em versos o que fiz na Terra,  
Deixando p'ra depois qualquer mudança,  
Dizendo ter mais fé, mais esperança,  
Vivendo, na consciência, triste guerra.

Bem vejo que minh'alma não avança,  
Porquanto a teimosia só me emperra  
O desenvolvimento, pois mais erra  
Quem dita um só soneto e já se cansa.

Aí, surge a terceira das virtudes,  
Que vou cobrar do povo que me lê:  
Por caridade, aceite as inquietudes

Deste irmão que, por dúvida, descrê,  
Cujos versos prejudga *very goods*,  
Deduzindo que o bom seja você.

57

### O valor do convite

A lâmina que corta a barba alheia  
Certamente estará mais afiada.  
Eu penso que esta rima valha nada  
E o meu leitor percebe o quanto é feia.

No entanto, hão de dizer que muito agrada  
A trova que se lê e se falseia,  
Por meio do ridículo da meia  
Que se vestiu do avesso, por rasgada.

Eu disse, no começo, que era triste  
O verso por mim feito sem sentido.  
Aí, perguntarão: — *Por que é que insiste?*

Eu devo responder, mui comovido,  
Que amor é o sentimento que persiste,  
Ao qual o bom leitor aqui convidado.

58

### Por falta de coisa melhor

Estamos tão contentes com a prosa  
Que os versos vão ficando para trás.  
Mas, como aqui vivemos sempre em paz,  
Julgamos nossa trova mais trevosa.

Talvez porque queiramos sempre mais,  
O nosso julgamento põe na glosa  
O espírito perverso que não goza,  
Senão quando arremete tão voraz.

Nos tempos em que simples era a rima,  
Nossa alegria dava-se modesta:

Sabíamos não ser a trova opima,

Mas tudo para nós era uma festa.  
Agora que queremos obra-prima,  
O verso nossa incúria mais atesta.

## 59

### Vontade e realização

É diferente a rima cá no etéreo,  
Porque mostra a vaidade só defeito.  
Enquanto o julgamento não aceito,  
Preciso demonstrar que o tema é sério.

Não basta compreender qual o trejeito  
De me enfronhar na vida sem mistério:  
Preciso transformar em ministério  
O que aprendi nos livros, mas rejeito.

A trova é forma boa p'ro contexto  
Mas devo conformar-me com ser pura,  
Sem transformar a rima no pretexto

De ser o autor a prima criatura.  
Se for assim, que joguem lá no cesto  
A produção total, por imatura!

## 60

### O ensino universal

Pretendo vir dispor, em doce trova,  
O pensamento que me traz sereno,  
Como estaria bem o Nazareno,  
Se cá viesse para a mesma prova.

Não nos daria um só conselho ameno,  
Porquanto o meu espírito reprovava  
A pretensão de dar fórmula nova  
Ao verso com que amor eu lhes aceno.

Obrigaria o povo a refletir  
Na obrigação de praticar o bem,  
Sem recompensas fáceis no porvir,

Que o gesto há de conter a paz também,  
Para que o mundo todo, ao progredir,  
P'ra trás não deixe um só João-ninguém.

## 61

### Quando a porca torce o rabo

Não quero transtornar o bom leitor,  
Falando da exigência desta métrica.  
Aí, nossa poesia será tétrica  
E longe há de pairar o nosso amor.

Conheço o mal secreto em que se esconde  
O intento de burlar as leis de Deus.  
Conheço porque foram também meus  
Os vícios e os defeitos; e sei onde!

Não vim, porém, para mostrar que sou  
Um ser superior, pois reconheço  
Que não pode gostar de vir do avesso  
Quem cá pretende apenas dar um *show*.

O desempenho sério da poesia  
É norma irretorquível para o grupo.  
Por isso é que na trova me preocupo  
Em pôr toda a virtude em primazia.

Atinjo um nível bom de produção,  
Atento para as leis que aqui vigoram.  
Não faço versos para os que mais choram,  
Mas tento confortar quem me diz *não*.

As coisas que transcrevo nesta rima  
Hão de servir p'ra mim, lá no futuro.  
Assim, de ser fiel eu me asseguro,  
P'ra não me censurar quem me sublima.

Espero que este amigo que me escuta  
Possa também fazer um verso certo,  
Deixando impresso o texto em livro aberto,  
Sem derramar, nas páginas, cicuta.

Depois de muito andar em torno a mim,  
Dispus-me a palmilhar a vida alheia.  
Cheguei à conclusão que alma receia  
A descoberta triste de ruim.

— E como cheguei lá sem que saísse  
De dentro das paredes do meu ser?  
É que, ao mostrar-me qual o meu dever,  
O mestre me falou da tal burrice.

É quando a porca torce o rabo e grita  
Que tenho para mim que o sofrimento  
Um dia há de chegar, p'ra ver se aguento  
O drama do infeliz que em mim palpita.

— Não chega o sofrimento desta hora  
Em que me espelho tanto nestes versos?  
É que as fadigas vão trazer, perversos,  
Os sentimentos deste ser que implora

A compreensão de quem me esteja lendo,  
Para, ao pedir perdão, por tanto ardor,  
Frustrado pela ausência do compor,

Que eu possa suspeitar não ser horrendo.

62

### Poesia é trabalho

Não temos o desejo de ferir  
Quem vem com tanto afinco trabalhar.  
Por isso, esteja atento, Wladimir,  
Que tudo irá dar certo no seu lar.

Não posso as rijas normas contrariar,  
Porque disto depende o meu porvir:  
Se dou de mico tonto no bazar,  
Eu quebro as louças, sem poder mais rir.

Espero ter mostrado claramente  
Porque me importo muito co'a poesia,  
Que a dor do calo o gajo aqui mais sente

Por ter desperdiçado, um belo dia,  
O bem de transferir, para outra gente,  
O sentimento, em rara melodia.

63

### Amor-próprio

Não posso festejar, no entanto, a rima,  
Se tudo o que cá trouxe é só tormento  
De espírito que prima o sentimento  
Pela falência triste dessa estima.

Por isso é que hoje brinco, quando invento  
O verso, junto ao qual aplico a lima  
Da perfeição que noto em obra-prima  
Das belas trovas que declamo atento.

Mas como demonstrar ao bom leitor  
Que tenho me esforçado com denodo,  
Se o pronome não cai ao vir compor

No ponto exato p'ra formar o todo  
Que valoriza o mérito do autor?  
Elogiando quem saiu do lodo...

## 64

### Pronto para decolar

Estando simplesmente aqui compondo,  
Eu deixo para trás minha derrota.  
Eu sei que o verso é dúbio quando brota  
Flor que atrai tão somente marimbondo.

Eu tenho o quatro-paus, um ás e a sota:  
Não sei por que razão tanto me escondo,  
Quando bem poderia ser redondo  
O meu poema, que o matiz não troca.

Perdoe-me, você, meu caro amigo,  
Por ter fugido às normas da gramática,  
Bem como às regras dignas do antigo

Sabor que vem dos lados lá da Ática.  
Não brigue mais comigo quando digo  
Que a rima desejava mui simpática.

## Alegria verdadeira

Queríamos faltar ao compromisso,  
Deixando o caro médium descansar.  
Mas, como não é duro este serviço,  
Voltamos a ocupar o bom lugar.

Não vamos prometer haja poesias  
Que possam merecer muita atenção,  
Contudo, fornecemos alegrias  
A todos que nos derem seu perdão.

Motivos não nos faltam para a trova,  
No despertar do amor pela palavra.  
É que a emoção do verso se renova,  
Sempre que é nosso o mérito da lavra.

Não fica evidenciado o bom trabalho  
Apenas quando a rima se completa,  
Porque, na prova rude em que hoje falho,  
Se encontra a mão de mestre dum poeta.

Eu falo dum amigo que me assiste  
E que me passa dicas muito quentes.  
Não poderei ficar, então, mais triste  
E nem pedir a ti que a mim me aguentes.

No fundo, sem pregar qualquer virtude,  
Exijo desse amigo tal paciência  
Que nem um verso rústico me ilude:  
Estou imerso d'alma na carência.

Eu faço o verso fácil, provisório,  
Pensando em melhorar o desempenho,  
Porém, o tempo passa e está notório  
Que é para *encher linguça* que hoje venho.

Por isso é que consigo compreender  
O rápido progresso de quem sofre:  
É da alegria que se extrai poder,  
Depois de aberta a porta deste cofre.

Naturalmente, a rima tem um fim,  
Qual seja, a chave própria p'ra se abrir  
A trava que provou ser mui ruim  
Deixar cerrado o cenho sem sorrir.

Espúrio sentimento esta vaidade  
De só deixar no verso a fantasia  
Duma alegria falsa que não há-de  
Aproveitar no bem, como eu queria.

Assim, vou retirar-me p'ro tugúrio  
Que me agasalha à noite, plenamente,  
Deixando atrás de mim tão só o murmúrio  
De quem me leu co'amor mais comovente.

A prece que te peço, bom amigo,  
Tu hás de recitar de coração.  
Um dia, ao te encontrares cá comigo,  
Irei agradecer-te o teu perdão.

Jesus também me valha neste instante,  
Porque preciso achar o seu caminho.  
Ao menos, nestas rimas, sou constante,  
Porquanto das virtudes me avizinho.

Não posso retirar-me simplesmente,  
Deixando o caro irmão a ver navio.  
Acende clara luz e aquece a mente,  
Que em teu discernimento é que confio.

## Perseverante mente

Não tenho pretensões a ser perfeito,  
Ao menos nesta esfera em que hoje estou.  
Aqui, nesta carcaça em que me ajeito,  
Eu faço só o que posso, neste *show*.

Mas tenho a pretensão de melhorar,  
Porquanto já trabalho para isso,  
Embora seja mui elementar  
O resultado do melhor serviço.

Esteja o bom leitor mui prevenido,  
Inda assim lhe ofereço a minha trova.  
Eu sei que vai dizer: — *Sempre duvido*  
*De quem o seu poema não renova.*

É justamente assim que me apresento  
Ao grupo com quem ajo cá no etéreo:  
Trabalho sempre mais e, embora lento,  
Eu sinto que progrido no mistério.

A forma da poesia prende um pouco  
O desempenho lúcido do tema.  
É como um bom cantor que, estando rouco,  
Se ponha lá no palco sem problema.

A crise da poesia é muito séria,  
Quando o sujeito aposta no melhor,  
Mas vem contar, em métrica, a miséria  
Que todo o mundo sabe e diz de cor.

A solidariedade até que é boa,  
Quando o encarnado sabe que este amigo  
Não cansa, não provoca, não destoa:  
— Na hora de cantar, cante comigo!

Mantenha o seu espírito desperto,  
Agindo em consonância com a lei:  
A tentação do demo no deserto  
Será vencida sempre; isso eu sei!

Contente-se em fazer, de cada vez,  
Apenas um pouquinho de poesia.  
Se a rima estiver negra como pez,  
Não desanime: eu mais me atreveria.

Estique este momento e faça versos,  
Mesmo que sejam pobres e rouquinhos.  
Um dia vão ficar menos perversos:  
É natural que evoluam os engenhos.

## 67

### Pondo o médium em xeque

Eu volto para a mesa da poesia  
E trago algumas quadras quase novas.  
Procuro não ouvir que aqui daria  
Para os maus desprezarem suas provas.

Bastava que deixassem para o médium  
A busca desta rima sempre velha.  
Mas tenho na cabeça o bom remédio:  
Um pouco de xarope de groselha.

O médium fez a busca no *programa*  
E deu-me o dicionário para a rima.  
O resultado não demonstra o drama,  
Mas sinto que o coitado desanima.

Acima, eu conduzi bem ao meu modo  
A busca da palavra mais perfeita.

O certo é que a ninguém jamais engodo,  
Se o tema minha turma sempre aceita.

Apanha os rebotalhos dos meus versos  
O pobre que me serve com vigor.  
É bom porque não são tão controversos,  
No instante de provar que sei compor.

Assim, eu desempenho o meu mister,  
Deixando o bom leitor mais prevenido  
Que a morte não acolhe um ser sequer  
Que não precisará ser protegido.

Até quem já fez versos de sucesso  
Vai ter de repetir tudo de novo,  
Para explicar as normas do progresso,  
Facilitando a vinda do seu povo.

## 68

### Trocadilho salva dor

Estive já com medo de perder  
Contato com o mundo dos mortais.  
Desenvolvi minh'alma co' o poder  
De conseguir na trova um pouco mais.

Mas tenho a obrigação de vir dizer  
Que nutro o egocentrismo até demais,  
Porque falo de mim com bem-querer  
Impróprio para os temas sem uns ais.

Por isso, sofre tanto quem me serve,  
Ao perceber que tenho essa noção,  
A qual vou disfarçar com minha verve,

Brincando co' as palavras, pois *me dão*

O gozo de pensar que não se enerve  
Quem veio aqui doar seu coração.

69

### A forma não é tudo

Estimo que meu médium tenha jeito  
P'ra prosseguir do ponto em que parei,  
Porquanto, quando rima, eu digo: — *Aceito!* —,  
Sabendo que ele segue o que é de lei.

No ponto em que me encontro, tenho medo  
De aqui espantar o povo, atrapalhado,  
Sabendo esta poesia um arremedo  
Que espírita não lê; e põe de lado...

Mas vou levando em frente a minha trova,  
Descrente para a forma que melhora:  
O estilo é castigado em dura sova;  
Preciso é que o meu tema não dê fora.

Procuro observar as leis gerais,  
P'ra resguardar dos mestres as lições,  
Porém, caso não venha co'algo mais,  
Eu fico a ruminar com meus botões.

Exijo mais de mim do que de quem  
Não vem trazer nenhum cometimento.  
Não vale esta poesia um só vintém:  
O tempo que hoje perco mais lamento.

Mas, quando chego ao término da rima  
E leio o que ficou cá registrado,  
Minh'alma mais se alegre e reanima  
E de mim mesmo um pouco mais me agrado.

Não vale tanto o verso, pois poesia  
Eu acho que precisa mais talento.  
Mas antes um pouquinho que vazia  
A cesta dos poemas, pois me aguento.

Pretendo melhorar nesta jornada  
A ponto de louvar a Jesus Cristo,  
Nosso maior poeta sem ter nada  
Deixado nesta forma em que eu insisto.

70

### Promessa e realidade

Se o Cristo foi o Cristo, sem um verso,  
Por que devo escrever, sem vocação?  
Porque, nesta escansão, estou imerso  
E vejo, no poema, a salvação.

Aí, vão duvidar que esteja são,  
Porque tudo o que faço é mui perverso.  
Mas eu pretendo crer não seja em vão  
Esta insistência em tema nunca terso.

Um dia, vou curar minha vaidade,  
Para aceitar que a rima fique pobre,  
Tornando menos mau o tom que há de

Fazer calar o coração que cobre  
Melhor proveito para o meu confrade  
Desta canção, que vai tornar-se nobre.

71

### Retrato íntimo

Estive a analisar a tal folia  
Que os homens canalizam pelo ar.  
Tentei fazer com ela esta poesia,  
Mas nada consegui cá modelar.

O povo diz que quer mais se alegrar  
E canta sua festa em harmonia,  
Deixando o seu Rei Momo num altar,  
Fazendo da matéria o que queria.

Mas como vão agir, depois da festa,  
Aqueles que brincaram livremente?  
Sua atitude para nós atesta

Que nada vão fazer de diferente:  
Respeito, na Quaresma, apenas resta  
No coração de quem o bem presente.

72

### Prepotência

Não quero censurar a cada irmão  
Que imerge nos embalos da folia.  
Apenas vou lembrá-los que haverão  
De despertar p'ra Deus, um belo dia.

Também pensava eu que a diversão  
Era o prazer total que mais queria.  
Eu vi, porém, que a quota do perdão  
Acaba bem depressa essa alegria.

Precisa haver em tudo um bom respeito  
Pelas normas que regem o organismo,

Sem os excessos loucos... — *Não aceito*

*Que vá cair em fundo e negro abismo!...* —  
Nos interrompe quem não traz no peito  
A fé que nos mostrou o Cristianismo.

### 73

#### Com o coração na mão

Um dia após o outro é de rigor  
Na esfera em que convivem os mortais.  
Existem uns limites p'ra transpor:  
Não queiram crescer outros a mais.

O mundo aqui é de provas e de dor,  
Para testar se somos sempre iguais;  
Ou p'ra ampliar o círculo do amor,  
O que vai dar a nós bens naturais.

Forçado este poema, dou um tranco  
Na minha condição de ser modesto.  
Mas o encravado espinho aqui arranco,

Que o resultado disso não detesto,  
Porque eu também sofri, para ser franco,  
Na confissão que fiz de que não presto.

### 74

#### Sem dó nem piedade

Eu nutro o sentimento da derrota,  
Porque sempre aprendi a não ter pena  
De quem fez afundar a sua frota,  
Por culpa duma mente tão pequena.

O mestre que me atende bem acena  
Co'os hábitos de achar a minha quota,  
Para tornar a ideia mais amena,  
Deixando tal revolta mui remota.

Assim, venho provar que estou bem vivo,  
Embora ainda caduque neste frevo,  
Em meio do batuque coletivo.

Ao menos, quanto ao verso que eu escrevo,  
De dar-lhe forma justa não me privo,  
Não pondo, embora, o tema em bom relevo.

75

### Não há involução

Se venho com meu verso preparado  
E dito devagar, buscando a rima.  
Consigo demonstrar que mais me agrado  
E cuido de colher a sua estima.

Se tenho um bom amigo do meu lado  
Que, sempre que tropeço, mais me anima,  
Não quero que o leitor, por descuidado,  
Entenda que foi simples pantomima.

Preciso realçar o bom critério  
De tudo aqui fazer com propriedade,  
Porquanto o tema tem de ser mui sério.

Ninguém é compreensível retrograde,  
Depois do despertar no cemitério:  
Assim este soneto é de verdade.

76

## Integridade

Estimo como honesto este poema,  
Porquanto nele ponho quem eu sou.  
Se é pouca para muitos, é suprema  
A rima, para mim, que faço o *show*.

Eu sei que o meu leitor já perdoou  
O fato de eu cantar o mesmo tema,  
Sabendo o que esperar de humilde grou,  
Por mais que este meu cérebro se esprema.

Não tenho desesperos de obra-prima  
Nem quero que esse amigo mais se enfade:  
Pretendo terminar com minha rima,

Sabendo que o mentor me persuade  
A prosseguir treinando, como acima,  
Na busca do melhor, que amor me invade.

77

## Sem troça nem mossa

Desejo consagrar-me, neste dia,  
A falar bem de mim, o quanto possa.  
Não sei em que dará minha poesia,  
Mas quero já sair da funda fossa.

Estimo que o leitor julgue esta joça  
Com o rigor preciso que eu queria  
Deixar bem embrenhado, em rica bossa,  
Que é tudo para efeito da alegria.

Aí, meu pessimismo prevalece  
E fica muito claro o desconcerto

Entre o desejo de colher a messe

E a precisão de me livrar do aperto.  
Eu conto, finalmente, com a prece  
De quem reza por mim, em puro enxerto.

## 78

### Mato a cobra...

Frequentemente, a rima não se dá  
De modo natural e consequente.  
Aí, venho pedir que o gajo aguente,  
Porque devo deixar conforme está.

São coisas que o mortal que lê mais sente,  
Porquanto tem em mente que é p'ra já  
Que deve aproveitar este fubá,  
Para a polenta mole, inconsistente.

Se eu posso acrescentar a graça insólita  
Do termo não comum e de mau gosto,  
A gema de valor se faz micrólita,

Segundo tenho aqui, um dia, posto,  
Na esp'rança de alcançar uma crisólita,  
Na trova que não causa mais desgosto.

## 79

### ...e mostro o pau

Eu gosto quando a rima se anuncia,  
Por força de ser sempre muito rara.  
Não tanto, quando o texto da poesia  
Se põe desta maneira não preclara.

Então, a trova é mesmo uma *avis rara*,  
Para quem serve a sopa muito fria.  
Disfarça o bom amigo e não repara  
Que coisa bem melhor se serviria.

Assim é o proceder de muita gente  
Que pensa estar fazendo tudo bem.  
— *É fino, é bom, meu ato é consequente!...* —

Se diz quando se sabe estar-se sem.  
Espero que essa ideia não se aguente,  
Para que o gajo cesse o seu vaivém.

## 80

### Abrindo os olhos

O banho que tomei pela leitura  
Dos versos superiores duma amiga  
Me fez sentir que o verso se depura,  
Quando minh'alma unicamente briga.

Atribuí à forma mais antiga  
O desempenho máximo que cura  
A sensação de dor, que muito intriga  
Quando somente tenho a minha jura.

Caso Jesus se cite em pobre rima,  
Sem luz, sem metro, sem qualquer estima,  
Para que cumpra o gajo aqui promessa,

Então, meu desperdício ganha forma,  
Por não seguir dos mestres sua norma,  
E o samba, na avenida, se atravessa.

## Mixaria

Jamais serei poeta contrafeito,  
Porque quero estimar o meu trabalho.  
Se as normas do viver eu não espalho,  
Ao menos as lições que dou aceito.

Dos versos trago sempre o rebotalho,  
Mas deixo muito claro que os rejeito,  
Pois tenho o gabarito tão estreito  
Que, por um verso só, eu me escangalho.

Mas bem intencionado eu sempre sou  
E, nessa condição, eu dou meu *show*,  
Sabendo de antemão o quanto é feio

O texto que proponho por poesia,  
Temendo que qualquer melhor faria,  
Pois desses como eu o inferno é cheio.

## 82

### Sem parnasianismos

Eu vou levando a trova ao meu talante,  
Premissa superior da liberdade,  
Da qual peço ao leitor que mais se encante,  
Porquanto o tom do verso o persuade.

Melhorar o padrão não sei quem há-de,  
Conforme o coração bem mo garante,  
À vista da modéstia que me invade,  
Porque jamais lapido o diamante.

Se vissem a oficina em que labuto,  
Tratando destes temas como um bruto,  
Sem limas para as rimas dos meus versos,

Teriam a impressão mui duradoura  
Que o tempo do rascunho sempre estoura,  
Por serem tão grosseiros e perversos.

### 83

#### Prevalência da dor

Bem quis fazer um verso mais supimpa,  
Daqueles para os quais decai o queixo.  
Por isso, suprimi qualquer desleixo  
Na rima que o poeta mais garimpa.

Foi quando, com vigor, eu disse: — *Deixo*  
*Para depois a trova menos limpa.*  
*Agora eu quero levantar a grimpa,*  
*Buscando, nas virtudes, o meu eixo.*

Aí, saiu a rima que lhes dito,  
Eivada de supérfluos sentimentos.  
Mui longe de pensar sobre o infinito,

Voltei a meditar sobre os tormentos  
Que tanto o coração me põem aflito,  
Por esquecer que tenho bons momentos.

### 84

#### A proposta...

Caso ofereça a turma as minhas férias,  
Pois meu trabalho é duro com a rima,  
Eu vou pedir que deixem que redima  
Tanta fragilidade, sem misérias.

Não prometo fazer uma obra-prima,

Mas quero que me aprovem as mais sérias,  
P'ra não oferecer ao povo lérias,  
Ainda que despertem doce estima.

Vou ler autores do maior prestígio  
E meditar bastante sobre os temas.  
Talvez vão encontrar algum vestígio

Que mostre bem as fontes dos poemas.  
É claro que não vou fazer prodígio,  
Mas quero burilar mais minhas gemas.

## 85

### ...e a resposta

Disseram-me que tenho a liberdade  
De apresentar melhores produções,  
Se tal for o desejo que me invade  
De provocar, nas almas, mais *frissons*.

De férias não preciso p'ras lições  
Que devo assimilar, mas de vontade  
De melhorar minh'alma e as emoções,  
Que a estética há de ser a que me agrada.

Por isso, continuo com vocês,  
Fazendo alguns sonetos, sempre três  
Apresentando a cada dia útil.

Aos sábados, domingos e feriados,  
Eu deixo os cestos todos mais lotados,  
Por ser tão tolo, pobre, mau e fútil.

86

### Calma mente

Voltei, como quem volta ao ninho antigo,  
Para fazer do verso um compromisso:  
Se devo aqui prestar um bom serviço,  
É justo eliminar qualquer perigo.

Por isso, vou cuidando do feitiço,  
Ao dar ameno trato, o que consigo,  
Porque trouxe da Terra cá comigo  
O método do texto sem enguiço.

É vir falar de mim sem desespero  
Que mais atrai o povo p'ra poesia,  
Embora se deseje um exagero

No sentimento bronco que daria  
Um tranco muito forte em meu esmero,  
No jogo das palavras da harmonia.

87

### Dissensão íntima

Tentei botar em versos o meu prisma  
Na pretensão real de me mostrar,  
Porém, não posso apenas, neste azar,  
Prever em que o leitor agora cisma.

Queria ser enérgico ao ditar  
A rima que concentra o tal carisma  
Que obriga a respeitar quem não se abisma,  
Ao menos, os preceitos deste lar.

Aí me esborrachei em lances dúbios,  
Deixando a trova inútil p'ro que vim,

Sem me afirmar nas teses dos conúbios

Entre os irmãos dos planos que se ligam  
E já prevejo o meu futuro assim,  
Enquanto os bons leitores meus não brigam.

88

### Negativa mente

Suspeito, com razão, que aborreci  
Quem veio com vontade de aprender,  
Porquanto o compromisso não cumpri  
Nem consegui dar conta do dever.

Resta o consolo apenas de me ver  
Nalgumas linhas tortas, que escrevi  
Completamente ausente do poder  
Que tenho de ensinar, na trova aqui.

Se vale estimular por rejeição  
À falta de virtudes do poeta,  
Então, não hei de ouvir um simples *não*,

Porém, não vou poder dizer completa  
A forma em que moldei minha canção,  
Que é de desgosto a voz que me alfineta.

89

### Vazia preocupação

Jesus nos abençoa quando amamos;  
Jesus fica feliz com tal primor;  
Jesus relembra o dia em que juramos  
Volver junto a esta mesa p'ra compor.

Aí, o verso sai muito inferior,  
Obra de servos que detestam amos,  
Conforme atesta o zero do instrutor,  
Tão verdes são as trovas nos seus ramos.

Mas, como nós não temos outro meio  
De expor os pensamentos com rebrilho,  
Levamos o soneto, embora feio,

A repetir eterno este estribilho,  
Quando o poeta diz: — *Mais titubeio,*  
*Se devo arquitetar de afogadilho*

## 90

### A interrogação...

Espero não ter dado grande fora,  
Ao vir pregar fiel a compostura  
De quem é bem modesto, na figura,  
Enquanto, na poesia, não melhora.

Contudo, o meu soneto se afigura  
Na íntegra da forma que vigora  
Até junto aos mortais, porquanto explora  
A métrica e o contexto da estrutura.

— *Mas onde está a emoção que nos anima*  
*A prosseguir, com gosto, lendo a trova?* —  
Pergunta o bom leitor, dentro da rima

Que soube este poeta tornar nova,  
Embora raramente, neste clima,  
O dom de poetar saia da cova.

91  
...e a explicação

Pereço novamente em cada linha  
Que deixo registrada, como em prosa.  
Se pensam que minh'alma aqui mais goza,  
Mais devem suspeitar que desalinha.

Se a minha pena, um dia, for famosa,  
Porquanto a fama sempre se adivinha,  
Será porque sofri co'a ladainha  
Das dores dum a pena que se glosa.

Não tenho o que fazer de mais proveito  
P'ra quem hoje suspira confiante,  
Abrindo ao Pai o coração sem jeito.

A trova que termino só garante  
Que aqui passei, um dia, com respeito  
À inteligência, p'ra seguir avante.

92  
Um fato importante

Não quero resumir numa só trova  
Toda a doutrina espírita que sei.  
Se apenas uma ideia se comprova,  
Espero demonstrar qual é a lei.

— *Num dia fui um servo, noutra, rei* —  
Alguém irá dizer, pois se renova  
Das vidas a sequência, *vox Dei*,  
Pois nada nunca acaba em simples cova.

Firmei o reencarne como norma  
E peço que acreditem no que digo.

Se a religião lhes mostra uma outra forma,

Esperem encontrar-se aqui comigo,  
Que é justo quando um erro se reforma,  
Pois a verdade não detém perigo.

### 93

#### Outro fato importante

Lutei para falar algo mais sério,  
Cansado de volver-me sempre a mim.  
Espero resolver esse mistério,  
Ao pôr nesse egoísmo claro fim.

Por isso é que estudamos, cá no etéreo,  
Fugindo da maldade mais ruim,  
Procurando esquecer, no cemitério,  
O corpo material sob o capim.

A vida, todavia, dá motivo  
Para se refletir sobre o caráter:  
Talvez seja o maior objetivo,

Para tornar o espírito melhor,  
Que está na dor o algoz, *celula mater*,  
Para firmar na mente e ter de cor.

### 94

#### O principal

Amar ao próximo, p'ra ter conosco  
O maior bem, a graça de Jesus,  
P'ra se evitar, na vida, todo enrosco,  
Porque a virtude a dor muito reduz.

Embora o sentimento seja tosco,  
Ao respeitar o irmão se faz a luz.  
Mesmo que o brilho se componha fosco,  
É bem melhor que os cravos numa cruz.

Muita prudência, então, lhes recomendo,  
Ao criticar o ensino do Evangelho,  
Ao qual não vou propor nenhum adendo.

Estou muito à vontade quando venho,  
Porque me remocei depois de velho,  
Cuidado pelos meus, com tanto empenho.

95

### Palavras que passarão

Por haver ajudado o companheiro  
Que veio para o texto em rude prosa,  
Já sinto que o futuro desta glosa  
Não há de reservar-me o que requeiro.

O verso me propõe o odor da rosa,  
Que agora me conforta quando cheiro.  
Mas penso que, se amor me for inteiro,  
Na volta a este soneto alma não goza.

A trova que hoje trago há de passar;  
Não serve de cotejo p'ra mim mesmo,  
Pois devo prevenir-me contra o azar,

Porquanto, quando escrevo, atiro a esmo,  
O que jamais se torna algo exemplar:  
Apenas um projeto de torresmo...

96

### A ironia também passará

Eu jogo contra mim toda a ironia,  
Porque não sou capaz dum verso sério.  
Palavras que deixei no cemitério,  
Tão rude e fraca e vã minha poesia.

O mestre que me assiste diz: — *Mistério*  
*O que o pupilo meu aqui diria*  
*Para ficar impresso na harmonia*  
*Do que se molda n'alma, cá no etéreo.*

Aí, eu ponho a pulga atrás da orelha,  
Pensando que, talvez, algo dê certo,  
Porque minh'alma sempre se ajoelha,

Quando ronda a tal Musa aqui por perto,  
Mostrando-me que a trova se aparelha  
Dos termos de quem prega no deserto...

97

### Jesus não passará

Não quero recriar o bom leitor  
Com frases e gracejos sem sentido.  
Talvez gostem de mim mas eu duvido  
Que julguem que algo disse de valor.

A caravana passa e ouço o latido  
Dos cães, que se alvoroçam com ardor.  
Mas tudo silencia ao se transpor  
O tempo do poema comovido.

Jesus disse palavras que não passam,  
Assegurando assim a salvação,

Enquanto os meus dizeres mais se embaçam,

Porquanto insisto sempre com meu *não*,  
Sem repetir as vozes que me traçam  
As linhas poderosas do perdão.

98

### Benditos os que não viram...

Passeio pelas plagas cá do etéreo  
E sinto o quanto tenho de aprender.  
Eu posso até dizer que o tal mistério  
É o mesmo que, na Terra, tem poder.

Às vezes, acho justo o ver-p'ra-crer,  
Que fez de São Tomé um ser mais sério,  
Mas peço ao meu leitor para crescer  
No amor, antes que chegue ao cemitério.

Assim, não desconfie que aqui venho  
Apenas p'ra mostrar quanto sou bom.  
Porquanto, para tal, demonstro empenho,

No verso que lhes passo qual bombom,  
Remédio disfarçado com engenho,  
Mas sempre carregando o mesmo tom.

99

### O poeta ressabiado

Presente no meu grupo, se destaca  
Alguém que, aí na Terra, foi poeta.  
Agora assesta o arco p'ra que a seta  
Não tenha a mesma força... e contra-ataca.

A pasta com as trovas traz repleta,  
Mas diz que não nas dita, mão-de-vaca,  
Porque tanto sofreu com vil ressaca,  
Embriagando a carne, sem dieta.

— *Vamos perder, então, o verso seu?* —  
Pergunto-lhe intrigado co'a demora  
Da decisão de dar o que escreveu.

Então, ouço calado: — *O degas chora,*  
*Porque pensou-se lúcido o sandeu,*  
*Ao ver do amigo a rima com pletora.*

## 100

### Tornando o inimigo amigo

Tentei amenizar a discussão  
Que se seguiu após a fera crítica,  
Dizendo ser a dor boa política,  
Se não quisesse o *degas* minha mão.

Reconheci de pronto que raquítica  
Estava a trova toda, sem perdão.  
Por isso, constrangeu-me o coração,  
Ao vir para exercer a metacrítica.

Aí, foi que atinei que o meu trabalho,  
À revelia até de meu cuidado,  
Podia receber bom agasalho

De quem, mais experiente, fosse dado  
Ao pensamento sobre o que eu mais falho,  
Para me encaminhar sem muito enfado.

101

### Em descompasso

Estive a ensaiar versos mais soltos  
Que dessem aos amigos grão prazer,  
Porém, o mais que deu para escrever  
Foi p'ra mostrar meus estros bem revoltos.

Imaginei, então, que meu poder  
Daria p'ra tornar mais desenvoltos  
Os temas que firmassem, por resoltos,  
Os prismas das virtudes do querer.

Amainei a vontade de rimar  
Endechas de suprema perfeição  
E fiz este projeto singular

De rimas tanto em *-ar* bem como em *-ão*,  
Para dizer que o povo deve dar  
Atenção ao irmão de coração.

102

### Excesso de imaginação

Se Jesus cá viesse para as rimas  
E dissesse que amor é bem supremo,  
Que termos causariam as estimas  
Que não ousa empregar tanto que tremo?

A cruz esqueceria, como extremo  
Recurso p'ra dizer que são opimas  
As dúvidas que curam quem, blasfemo,  
Se julga superior nas obras-primas.

Diria simplesmente que deseja  
Estreitar, num abraço, cada irmão

Que o coração lhe mostre p'ra que veja

O quanto tem cumprido a obrigação,  
Lutando p'ro melhor desta peleja  
Que traz por recompensa a salvação.

### 103

#### Um pouquinho de esperança

Não sei em que vai dar o verso meu,  
Que fiz sem ter provado o sofrimento.  
Se o bom leitor disser que lhe valeu,  
Sentir-me-ei feliz, nesse acalento.

No entanto, se disser: — *Eu não aguento,*  
*Porquanto o gajo pensa em apogeu*  
*Na hora em que devia estar atento*  
*Em não dar aos mortais versos de ateu* —,

Preciso confirmar a minha fé  
Em que também estou sendo testado  
Nas rimas deste entrecho, em que dá pé

Mostrar que o pão do amor tenho sovado,  
Na trova tão feliz, porque assim é  
Que luz sinto no bem que já arrecado.

### 104

#### O débito

Encontro-me assistido pelos meus  
E fico muito alegre co'a poesia,  
Porque tenho o de que ser grato a Deus,  
Embora a forma seja um tanto fria.

Quisera tresmalhar mas não faria  
Nada que fosse o aceno dum adeus,  
Encaminhando à esfera a mais-valia  
Que me distinguiria dos ateus.

Pretendo conduzir-me com louvor,  
Ao menos na expressão do pensamento,  
Que é tanto este meu débito de amor.

Ao ler este poema, eu mais lamento  
A falta de modéstia do compor,  
Para empatar com eles um momento.

## 105

### Mais uma variação

Esforços, já notaram como os faço  
E curto quando o médium mos respeita,  
Porquanto esta passagem mais se estreita,  
Se quero a rima própria no pedaço.

Mas fico bem contente, quando, eleita,  
Se vê a trova forte, sem fracasso  
Que possa oferecer um novo espaço,  
P'ra divagar quem veio e não me aceita.

Por isso é que repito o mesmo tema,  
Falando sobre o verso a toda a hora,  
Como fizeram tantos, sem problema.

Aí nos vão dizer que aqui vigora  
A chateação por norma do poema.  
E o médium põe-se a rir... quando não chora...

106

### O significado da dor

Preciso transformar cada lição  
Em versos inspirados, que a poesia  
Não tem nenhum valor, quando não guia  
O pensamento torto deste irmão.

Jesus, quando pediu mais harmonia,  
Queria equilibrar o coração  
Da humanidade torva, cuja ação  
Dispunha só p'ra si toda a alegria.

Por isso é que sofreu suspenso à cruz:  
Para mostrar ao povo o sacrifício  
Que, um dia, vai trazer-lhe toda a luz.

De que vai adiantar um tal bulício,  
Se o pensamento humano se reduz  
A estimular do mal o triste vício?...

107

### Apenas contentamento

No etéreo, a nossa busca continua,  
Porque bem pouco muda a natureza.  
É certo que aqui brilham Sol e Lua  
E que nos pedem mais junto a esta mesa.

Porém, esta poesia vem tão crua  
Que até parece que não tem beleza.  
É que a expressão do belo não atua  
Da mesma forma que a mortal proeza.

O sentimento da vaidade é forte,  
Por isso nós fugimos de provar

Que estamos bem melhor após a morte.

Mas tudo o que fazemos, sem causar  
Tremores convulsivos pelo aporte,  
Trará doce alegria ao nosso lar.

## 108

### Sei-me responsável

Costumo preparar um bom rascunho,  
Porque penso no amigo que me lê,  
Que agora, por acaso, é bem você,  
Que deste esforço meu dá testemunho.

O que posso dizer a quem não crê  
P'ra garantir que a rima é de meu punho,  
Porque, tão pobre assim, sou eu quem cunho  
E mais ninguém que traga o seu xerê?...

— *Aguento muita coisa em meu ouvido* —  
Há de dizer quem ouve este meu brado,  
A ponto de fazer melhor sentido

A luta contra o tópico do agrado.  
Aí, penso no amor e não duvido  
Que vou deixar o amigo preocupado.

## 109

### Da fruição ao dever

Interrompi meu texto várias vezes,  
Porque me questionava quanto ao tema.  
Também a rima tosca do poema  
Propunha tons aos versos mui soezes.

Pedi que um companheiro sem problema  
Viesse me ajudar, por alguns meses,  
Mas encontrou em mim tantos paveses  
Que a trova não saiu deste sistema.

Assim me conformei com tal agrura,  
Ao pôr-me com afinco em bom treinar,  
A ver se encontro alguma sinecura,

Com base na poesia singular  
Que trago a cada dia a quem procura  
Razões para seu medo atenuar.

## 110

### Perante o Cristo

Mui sorrateiramente divergimos  
Dos textos da poética terrena,  
Conquanto a forma torne sempre plena  
A ilusão dos efeitos, lá nos imos.

Enquanto a alma de quem lê serena,  
Já que os assuntos não se põem nos cimos  
Dos pensamentos rudes mas são mimos,  
Podemos prosseguir co'a rima amena.

Fruir poemas soltos sem problema,  
Porquanto o sentimento não destoa,  
Não vai fazer com que o leitor nos tema.

Se de Jesus, porém, o ensino soa,  
Recomendando uma virtude extrema,  
O coração se apressa na pessoa.

111

### Egoísmo prevalecente

Faremos com que a trova venha pronta,  
Para poupar o amigo que nos serve.  
Diz-nos ele, porém, que não faz conta  
De aturar os apuros desta verve.

Nós sabemos o quanto a mente ferve  
E quanto o coração mais se amedronta,  
Se demoramos, por estar enerve  
O texto, pela rima que desponta.

No entanto, tudo gira em torno a mim,  
Embora favoreça o bom amigo,  
Oferecendo a rima mais afim.

É que possuo ainda cá comigo  
Este hábito de estilo tão chinfrim  
Que traz à produção o seu castigo.

112

### Peditório

À parte as brincadeiras tão sem graça,  
Preciso dar origem à esperança  
De que o bondoso amigo sempre alcança  
Um verso, aqui e ali, sutil, sem jaça.

O tempo de qualquer maneira passa  
E pelo espaço a gente sempre avança.  
Às vezes, no poema, o verso dança,  
Mas quem pode dizer que não fracassa?...

Por isso, escrevo tanto e tão sem jeito,  
Porque sei muito bem que hei de compor

Um verso com sentido e mais perfeito,

Se fustigar a trova com amor,  
P'ra demonstrar que existe quem, eleito,  
Recite uma oração por este autor.

### 113

#### Sem sustos

Desejo partilhar dessa cerveja  
Que traz o caro médium tão atento,  
E quero que o leitor nisto não veja  
Algum sentido próprio, já que invento.

A vibração do amigo dá sustento  
P'ra que possa o poeta que se enseja  
Demonstrar quanto é bom seu sentimento,  
Numa rima que chega de bandeja.

A sensação que nutre o mediador  
É a de certa tontura, sem sofrer,  
Capaz de lhe mostrar se é de valor

O texto que não para de escrever,  
Bem como se oferece o seu autor  
A força que destaca o bem-querer.

### 114

#### Orientação mediúnico-poética

Eu peço ao bom leitor que tente a rima,  
Dispondo-se a escrever como inspirado.  
Anote o tempo em que ficar parado.  
Compare após àquele em que se anima.

Se a trova vai ficando ali de lado  
E o pensamento paira mais acima,  
Talvez seja porque não mais se arrima  
Na força do poeta descarnado.

Não vale sem sentido dar o verso:  
Precisa que a lição já venha impressa,  
Porque, não sendo assim, vai ser perverso

O resultado, fruto dessa pressa.  
Por isso, é preferível venha imerso  
Na confissão do mal: é o que interessa.

## 115 Profissão de fé

Se devagar o verso vem maneiro,  
Trazendo, em rica forma, o conteúdo  
Que mais exprime a força desse estudo  
Que dos sutis poetas bem requeiro,

Então, vou suspeitar que ficou mudo  
O médium, p'ra que tenha por inteiro  
O ensino de Jesus, o verdadeiro,  
Virtude dessa fé que é seu escudo.

É doce esta alegria de quem veio  
Oferecendo a mente e o coração,  
Sem ser princípio ou fim, apenas meio,

Para exprimir o etéreo, na canção,  
Dum mundo mais feliz o belo anseio,  
Conforme, um dia, todos saberão.

116

### Meu processo de conscientização

Percebe o bom amigo quanto é duro  
Trazer a cada dia três sonetos?  
Nas casas dos ferreiros, os espetos  
Parecem de madeira — lhe asseguro.

Quando o tema detém os tons mais pretos,  
Porque não tenho a luz que o torne puro,  
Enfrento, mesmo assim, o mal — eu juro —,  
Pensando nos irmãos presos nos guetos.

A estrofe pode vir muito imperfeita;  
A rima há de chegar pobre e confusa  
E o meu tremor pior que o de maleita,

Mas, se a consciência dói, jamais me acusa  
De não haver tentado, pois aceita  
Que possa ser pernetta a minha Musa.

117

### Conformado, *pero no mucho*

Ao claudicar no verso, me aborreço  
E ponho a ruminar o tema em pauta:  
Talvez a pobre mente esteja incauta  
E não percebe a lei chegar do avesso.

Não quero aqui, porém, viver na flauta  
E do trabalho meu jamais me esqueço:  
Que seja desastrado este arremesso,  
Precisa de coragem o argonauta.

Se a rima que apresento não é boa,  
Ao menos tem a forma que se pede,

Para não vir tal obra a ser à-toa.

Mas hão de perguntar: — *Não é na sede  
Dessa Escolinha que o normal destoa?*  
É que a burrice desta autor não cede.

118

### Euforia controlada

Há de saber medir o bom leitor  
O espaço que separa o mal do bem  
E vai tentar compor, ele também,  
Um texto de feitura superior.

Aí, vai perguntar o que contém  
O verso do poeta de valor.  
Se descobrir que existe mais amor,  
Vai receber de mim a nota cem.

Se ponho, no soneto, um bom sorriso  
E deixo a turma toda entusiasmada,  
O mestre, mais ranzinza, quer júízo,

Porquanto esta alegria não é nada  
Diante do saber que mais preciso:  
Que a fé em Deus é dom que se arrecada.

119

### Despedida

Cansei-me destes versos sem futuro  
E vim dizer que deixo este lugar,  
Agradecendo o esforço do auxiliar,  
Que deu de si o melhor, eu lhe asseguro.

A perfeição que pude aqui alcançar  
Não se envolveu por sentimento puro,  
Mas tudo o que ditei se deu — eu juro —  
Com sofrimento e dor, aos pés do altar.

Logo aprendi a ver como é terrível  
O meditar astuto da doutrina,  
Quando se está um grau aquém do nível

Dos companheiros que detêm a sina  
De avaliar se a trova é compatível  
Com a lição que o Mestre nos ensina.

## 120 A consciência

Eu fui feliz porque logrei sucesso,  
Se for sucesso o fato de ditar  
O resultado pouco familiar  
P'ra quem sabe do verso o seu processo.

Em prosa, eu comporia devagar  
E deixaria, amigo, bem expresso  
O ponto em que me encontro do progresso  
Que posso, com esforço, avaliar.

Contudo, me atrevi como poeta,  
Porque me sinto bem se sacrifico,  
Neste altar, a vaidade que me afeta.

E reconheço que, ao partir, mais rico  
Está este meu estro e mais repleta  
Minh'alma, por saber quanto claudico.

## 121

## Agradecimento

Eu rogo ao Pai que mande um bom parceiro,  
Para seguir em frente co'a poesia;  
Que faça versos tais que eu não faria  
Por mais que me inspirasse o mundo inteiro;

Alguém com mais modéstia e melodia,  
Capaz de transformar o que requeiro  
Em luzes, em amor, em som faceiro,  
Para que o seu leitor não perca o dia.

Termino agradecendo a toda a gente  
Sua paciência e estímulo fraterno,  
A Deus pedindo a bênção, pois carente

Se encontra a humanidade, quando externo  
O sentimento triste de quem sente  
Que muito há de lutar p'ra ser superno.

Indaiatuba, de 20.12.95 a 12.03.96.